

FRANCISCO GALENO



FRANCISCO GALENO

Francisco Galeno (1956, Parnaíba, Piauí, Brasil – 2025, Parnaíba, Piauí, Brasil) nasceu na região do Delta do Parnaíba, no Piauí. Em 1965, desembarcou com a família em Brasília, após seu pai começar a trabalhar na empresa de engenharia e construção Serveng Civilsan. Em 1969, se instalaram em Brazlândia, cidade nos arredores da capital federal, onde Galeno se iniciou enquanto artista. O talento para a arte foi transmitido de geração em geração na sua família, que era composta por artesãos. O bisavô era mestre carpina, nome dado a quem produz canoas, e o avô, vaqueiro, produzia peças de couro, como gibão, arreios e selas para montaria. A mãe era costureira e rendeira e seu pai foi pescador e fabricava canoas.

Desde muito jovem Galeno se interessou pela expressão artística, estudando música e teatro antes de se concentrar no campo das artes visuais, começando pela pintura e expandindo para obras tridimensionais. Em 1977, frequentou o ateliê-escola do pintor Moreira Azevedo, artista português radicado em Brasília. Em 1978, realizou um curso livre de pintura com Maria Pacca, no Centro de Criatividade da Fundação Cultural do DF, sob a direção de Luiz Áquila. Mas, para além dos estudos formais, o artista reivindicava o aprendizado advindo do contato com os artesãos que o cercavam, com a paisagem e os objetos da sua infância, e com a cidade de Brasília. Foi essa mescla que possibilitou o alcance de uma autenticidade no seu trabalho: carretéis, anzóis, pipas e latas de sardinha ora são depurados em linhas e formas geométricas para entrar na sua pintura, ora são apropriados em sua condição de objeto, sendo rearranjados de forma lírica e lúdica para compor uma obra escultórica.

De 2012 a 2025, Francisco Galeno manteve residência e ateliê em Paranaíba, dividindo-se entre sua cidade natal e Brazlândia. Produzindo continuamente por mais de quatro décadas, em seu currículo somam-se exposições nacionais e internacionais, tais como: sua última retrospectiva *Galeno, o mistério do simples* (Individual, Caixa Cultural Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2026); *Festa de Luz: as festas populares e a arte brasileira* (Coletiva, Centro Cultural Tribunal de Contas da União – TCU, Brasília, Brasil, 2026); 46º Salão de Arte Riachuelo (Coletiva, Galeria de Arte da Casa Thomas Jefferson, Brasília, Distrito Federal, Brasil, 2026); *Brasília, a arte da democracia* (Coletiva, FGV Arte, Rio de Janeiro, 2024); *Galeno, uma nova direção – Estripulias* (Individual, Museu Nacional dos Correios, Brasília, 2014); *Monumental — Arte na Marina da Glória* (Coletiva, Rio de Janeiro, 2016); *Francisco Galeno* (Individual, Galerie Debret, Paris, 2002); *Viva Brasil Viva* (Coletiva, Liljevalchs Konsthall, Estocolmo, 1991); entre outras. Em 2009, Galeno finalizou, a convite do IPHAN, o painel que ocupa o altar da Igrejinha Nossa Senhora de Fátima, em Brasília, onde outrora houve uma pintura de Alfredo Volpi, apagada pelo militares na década de 1960. Suas obras fazem parte de diversas coleções permanentes, tais como: Museu de Arte de Brasília — MAB, Brasília; Palácio do Itamaraty, Brasília; Museu de Arte Contemporânea — MAC Niterói, Rio de Janeiro; Museu Nacional de Belas Artes — MNBA, Rio de Janeiro.

EN

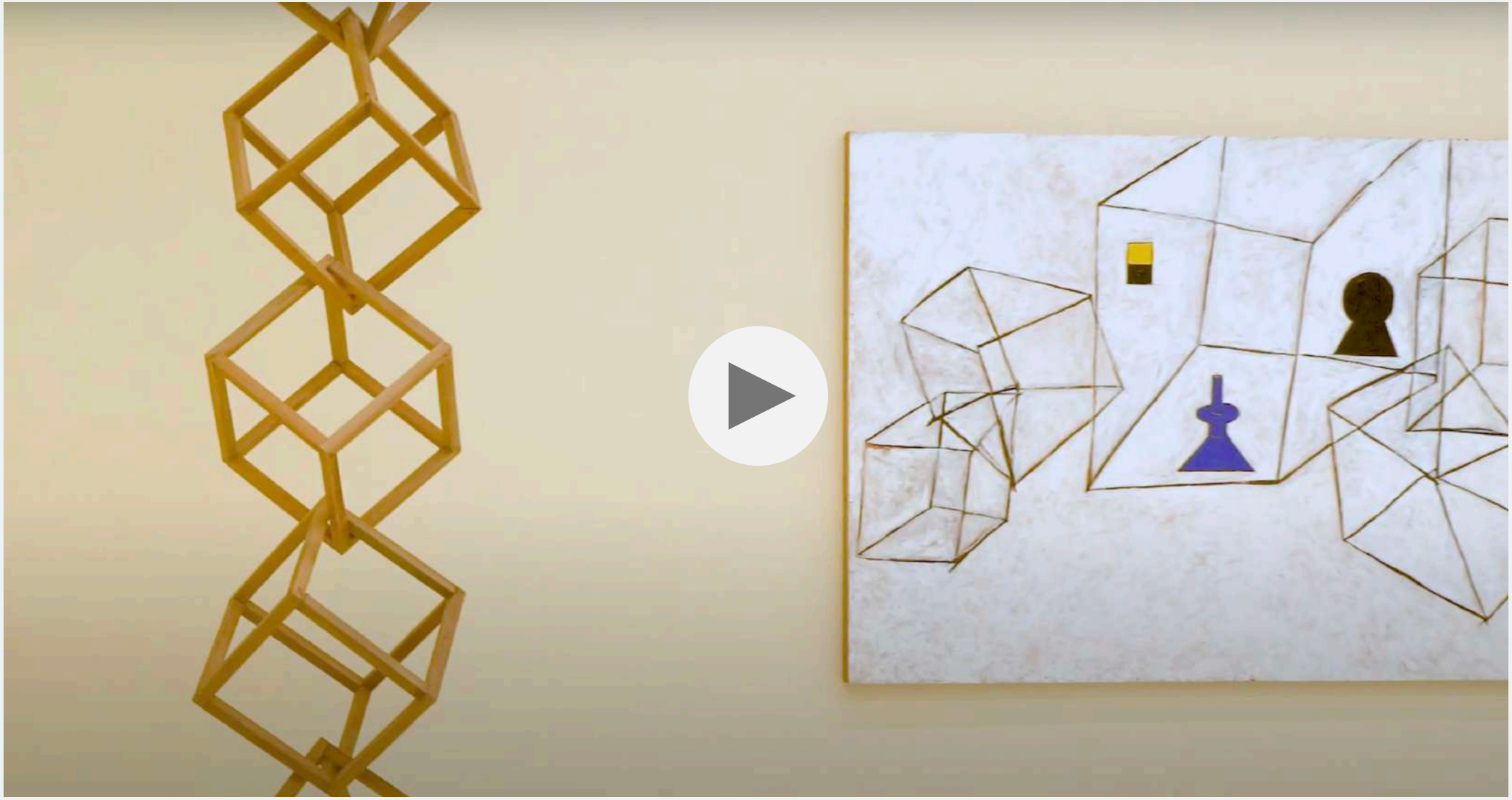
Francisco Galeno (1956, Parnaíba, Piauí, Brazil – 2025, Parnaíba, Piauí, Brazil) was born in the Parnaíba Delta region of Piauí, Brazil. In 1965, he moved with his family to Brasília when his father began working for the engineering and construction firm Serveng Civilsan. By 1969, the family had settled in Brazlândia, a town near the federal capital. It was here that Galeno began his artistic journey. Artistic talent ran in his family, which included skilled artisans: his great-grandfather was a master carpenter who crafted canoes; his grandfather, a cowboy, made leather items like jackets, saddles, and harnesses; his mother was a seamstress and lace maker; and his father was a fisherman who also built canoes.

From an early age, Galeno showed a deep interest in the arts, studying music and theater before focusing on visual arts, initially through painting and later branching into three-dimensional works. In 1977, he attended the studio-school of the painter Moreira Azevedo, a Portuguese artist based in Brasília. In 1978, he took painting courses with Maria Pacca at the Creativity Center of the DF Cultural Foundation, under the direction of Luiz Áquila. Beyond formal training, Galeno credits much of his learning to interactions with local artisans, the landscapes and objects of his childhood, and the city of Brasília itself.

This unique blend of influences fostered the authenticity in his work: familiar items like spools, hooks, kites, and sardine cans are distilled into lines and geometric forms in his paintings or transformed into lyrical and playful arrangements in his sculptures.

Since 2012 into 2025, Francisco Galeno divided his time between Brazlândia and his birthplace, Parnaíba, where he maintained a residence and studio. With a career spanning over four decades, he has exhibited nationally and internationally, in shows including *Galeno, o mistério do simples* – his most recent retrospective exhibition – (Solo, Caixa Cultural Brasília, Distrito Federal, Brazil, 2026); *Festa de Luz: as festas populares e a arte brasileira* (Group, Centro Cultural Tribunal de Contas da União – TCU, Brasília, Brazil, 2026); 46º Salão de Arte Riachuelo (Group, Galeria de Arte da Casa Thomas Jefferson, Brasília, Distrito Federal, Brazil, 2026); *Brasília, a arte da democracia* (Group, FGV Arte, Rio de Janeiro, 2024); *Galeno, uma nova direção – Estripulias* (Solo, Museu Nacional dos Correios, Brasília, 2014); *Monumental — Arte na Marina da Glória* (Group, Rio de Janeiro, 2016); Francisco Galeno (Solo, Galerie Debret, Paris, 2002); *Viva Brasil Viva* (Group, Liljevalchs Konsthall, Stockholm, 1991). In 2009, he was invited by IPHAN to complete a mural for the altar of the Igrejinha Nossa Senhora de Fátima in Brasília, a space once occupied by a painting by Alfredo Volpi, erased by the military in the 1960s. His works are part of various permanent collections, including the Brasília Museum of Art (MAB); Itamaraty Palace, Brasília; Museum of Contemporary Art — MAC Niterói, Rio de Janeiro; and the National Museum of Fine Arts — MNBA, Rio de Janeiro.

Documentário Galeno, Curumin Arteiro – Trailer
[Galeno, A Crafty Boy documentary – Trailer]



Francisco Galeno: o Piauí é aqui — o Piauí não é aqui
[Piauí is Here — Piauí is Not Here]

Disponível no Youtube [Available on Youtube]

Exposições individuais [Solo shows]

2026 Galeno, o mistério do simples, Caixa Cultural Brasília, Distrito Federal, Brasil

2025 Meu Galeno, Referência Galeria de Arte, Brasília, Distrito Federal, Brasil

2024 O Piauí é aqui — O Piauí não é aqui, Galatea, Unidade Oscar Freire, São Paulo, Brasil

2022 Arte por engano, Referência Galeria de arte, Brasília, Brasil

2014 Galeno, uma nova direção – Estripulias, Museu Nacional dos Correios, Brasília, Brasil

2006 Franscisco Galeno: latomia, Caixa Cultural, Brasília, Brasil

2004 A cor do olhar caipira, Galeria Ana Maria Niemeyer, Rio de Janeiro, Brasil

2002 Francisco Galeno, Galeria Debret, Paris, France

2001 Galeria do Conjunto Cultural da CEF, Brasília
Galeria Paulo Prado, São Paulo, Brasil

2000 Galeno: pinturas à cor da pele, Conjunto Cultural da Caixa, Brasília, Brasil
ECCO/Espaço Cultural Contemporâneo Venâncio, Brasília, Brasil

1999 Francisco Galeno, Galeria Anna Maria Niemeyer, Rio de Janeiro, Brasil
Espaço Cultural Elim Dutra, Pirenópolís, GO, Brasil

1997 Galeria da ATB, Brasília, Brasil

1996 Galeria Anna Maria Niemeyer, Rio de janeiro, Brasil
Ária Galeria de Arte, Recife. Santuário Menino Jesus de Praga, Brazlândia, DF, Brasil

1995 Galeno: assédio da cor, Documenta Galeria de Arte, São Paulo, Brasil
Marina Potrich Galeria de Arte, Goiânia

1994 Francisco Galeno: pinturas para alguns, Galeria Anna Maria Niemeyer, Rio de Janeiro, Brasil

1993 ltaú Galeria, Brasília, Brasil

1992 Marina Potrich Galeria de Arte, Goiânia, Brasil
Galeria Le Corbusier, Embaixada da França, Brasília, Brasil

1991 Galeria Anna Maria Niemeyer, Rio de Janeiro, Brasil
Performance Galeria de Arte, Brasília, Brasil
Galeria de Arte Casa Thomas Jefferson, Brasília, Brasil

1989 Galeno: brinquedos do olhar, Espaço Capital Arte Contemporânea, Brasília / Documenta Galeria de Arte, São Paulo / Curitiba, Brasil
Galeno: aquarelas, ECT Galeria de Arte, Brasília, Brasil

1988 Galeria Anna Maria Niemeyer, Rio de Janeiro, Brasil
Sala Corpo de Exposições, Belo Horizonte, Brasil

1987 Arriscando cores, Galeria Espaço Capital, Brasília, Brasil

1986 Galeno: pinturas, Galeria Anna Maria Niemeyer, Rio de Janeiro, Brasil

1985 Galeno: pinturas via satélite, Galeria de Arte ECT, Brasília, Brasil

1984 Francisco Galeno: pintura, Fundação Cultural do Distrito Federal — FCDF, Brasília, Brasil

1982 Biblioteca Eríco Veríssimo, Brazlândia, DF, Brasil
Galeno: pinturas, ECT Galeria de Arte, Brasília, Brasil

1**980** Galeria de Arte do SESC, Brasília, Brasil
Galeria B, Fundação Cultural do Distrito Federal — FCDF, Brasília, Brasil

Exposições coletivas [Group shows]

2026 46º Salão de Arte Riachuelo, Galeria de Arte da Casa Thomas Jefferson, Brasília, Distrito Federal, Brasil
Festa de Luz: as festas populares e a arte brasileira, Centro Cultural Tribunal de Contas da União – TCU, Brasília, Brasil

2025 Fullgás – artes visuais e anos 1980 no Brasil, Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB SP, CCBB BH, CCBB Brasília, São Paulo; Belo Horizonte; Brasília, Brasil

2024 Brasília, a arte do planalto, Museu da Nacional da República, Brasília, Brasil
Museu imaginário, Museu de Arte de Brasília — MAB, Brasília, Brasil
Brasília, a arte da democracia, FGV Arte, Rio de Janeiro, Brasil
Cais, Galatea, Salvador, Brasil
Fullgás – artes visuais e anos 1980 no Brasil, Centro Cultural Banco do Brasil – CCBB-RJ, Rio de Janeiro, Brasil

2018 Síntese dinâmica, Galeria Karla Osorio, Brasília, Brasil

2017 Poesia, Geometria e Construção, Câmara Legislativa do Distrito Federal, Brasília, Brasil
46º Chapel Art Show, Chapel School, São Paulo, Brasil

2016 Monumental — Arte na Marina da Glória, Marina da Glória, Rio de Janeiro, Brasil

2015 Parede Cheia de Histórias: 20 anos de Referência, Referência Galeria de Arte, Brasília, Brasil

2012 Onde a Cor Não tem Razão, Referência Galeria de Arte, Brasília, Brasil
Centerfolder, Referência Galeria de Arte, Brasília, Brasil

2011 Acervo, Galeria Anna Maria Niemeyer, Rio de Janeiro, Brasil

2005 Mostra Caixa Arte Contemporânea Brasília, Caixa Cultural Brasília, Brasília, Brasil

2002 Lírico-Lúdico, Galeria da Embaixada Brasileira em Berlim, Berlin, Germany
Fragmentos a seu Ímã: obras primas do MAB, Espaço Cultural Contemporâneo Venâncio — ECCO, Brasília, Brasil
JK – Uma Aventura Estética, Conjunto Cultural da Caixa, Distrito Federal, Brasília, Brasil

1998 Cien Recuerdos para Garcia Lorca, Espaço Cultural 508 Sul – Renato Russo, Brasília, Brasil
Os Anos 80, Galeria Marina Potrich, Goiânia, Brasil
Panorama das Artes Visuais no Distrito Federal, Teatro Nacional Cláudio Santoro, Distrito Federal, Brasília, Brasil

1995 Três Gerações de Brasília, Museu de Arte de Brasília, Brasília, Brasil
A grande viagem: passaporte para o ano 2000, Aeroporto de Congonhas, São Paulo/ Espaço Cultural 508 Sul, Brasília, Brasil/ Brazilian American Cultural Institute, Washington D.C., USA

1994 A grande viagem: passaporte para o ano 2000, Espaço Cultural Stockler das Neves, São Paulo/Aeroporto Internacional de Guarulhos, Guarulhos, Brasil

1992 Terra Brasília, Espaço Cultural 508 Sul, Brasília.
Herdeiros da Noite: Fragmentos do Imaginário Negro, Espaço Cultural SOS Sul, Brasília, Brasil

1991 Viva Brasil Viva, Liljevalchs Konsthall, Stockholm, Sweden
BR/80: pintura Brasil década 80, Itaú Galeria, Goiânia/Brasília, Brasil
Oito Pintores de Brasília, Museu de Arte de Brasília – MAB, Brasília, Brasil

1990 Oito Pintores de Brasília, Museu de Arte Moderna de São Paulo — MAM SP, São Paulo, Brasil

1989 2º Festival Latino-Americano de Arte e Cultura — FLAAC, Brasília, Brasil
Novos Valores Latino-Americanos, Museu de Arte de Brasília — MAB, Brasília, Brasil
Os onze de Brasília, Itaugaleria, Brasília, Brasil

1988 Arte Pará, Salão Liberal, Belém, Brasil
Bienal Nacional de Artes Plásticas, Museu de Arte Contemporânea de Goiânia, Goiás, Brasil

1987 Arte Pará, Salão Liberal, Belém, Brasil

1986 Brasília – trilha aberta, Museu de Arte de Brasília – MAB, Brasília, Brasil
Seis pintores do Distrito Federal, Fundação Cultural do Distrito Federal, Brasília, Brasil

1984 7 Artistas e uma Proposta, Itaú Galeria, Brasília, Brasil
Itinerário 1, Fundação Cultural do Distrito Federal, Brasília, Brasil

1983 Salão Riachuelo de Artes Plásticas, Edifício do Ministério da Marinha, Brasília, Brasil

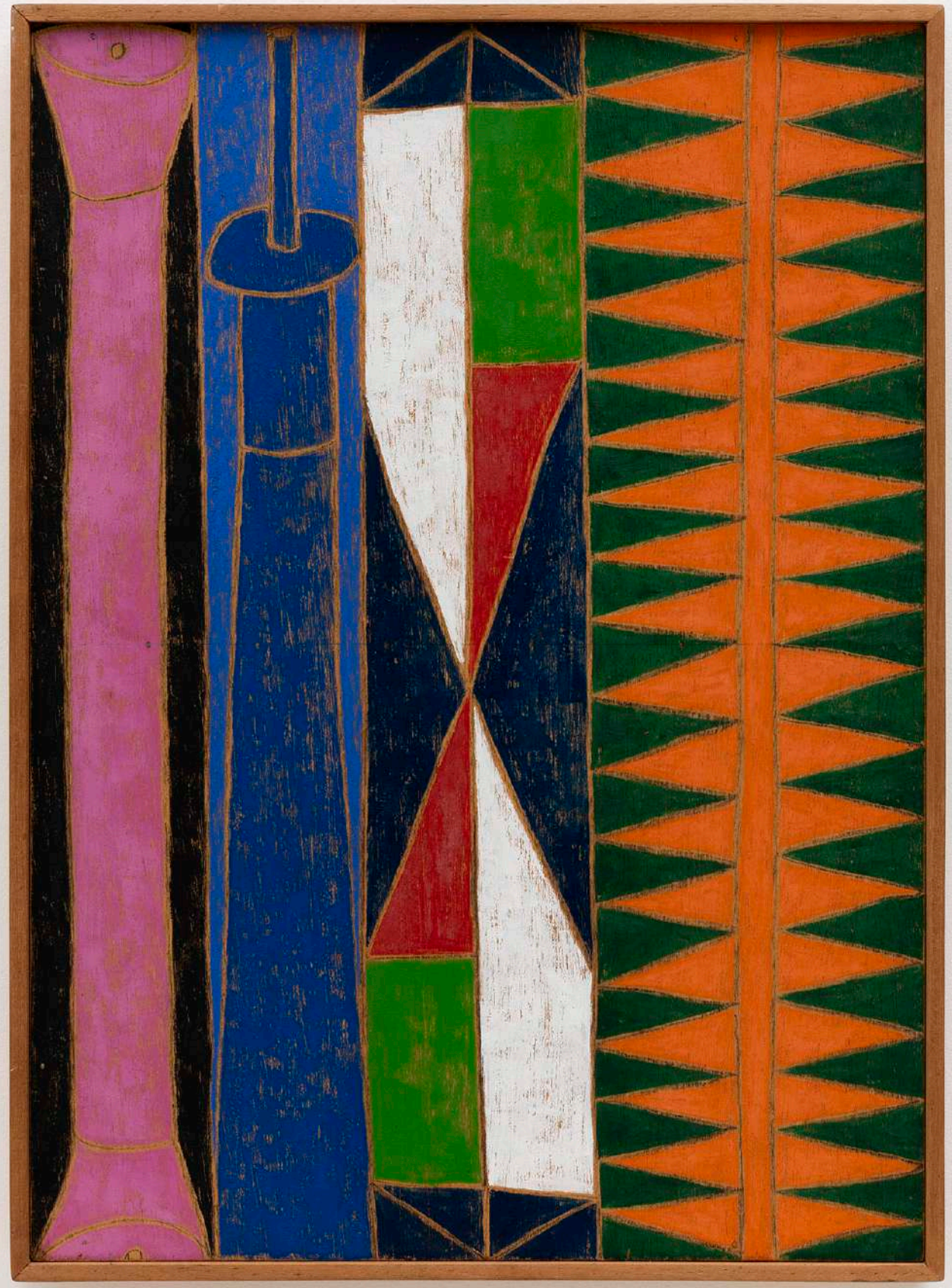
1982 IV Documento de Arte da Região Centro-Oeste, FUNARTE/Fundação Cultural do DF, Brasília, Brasil

1979 V Salão de Artes Plásticas, Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro — MAM Rio, Rio de Janeiro, Brasil

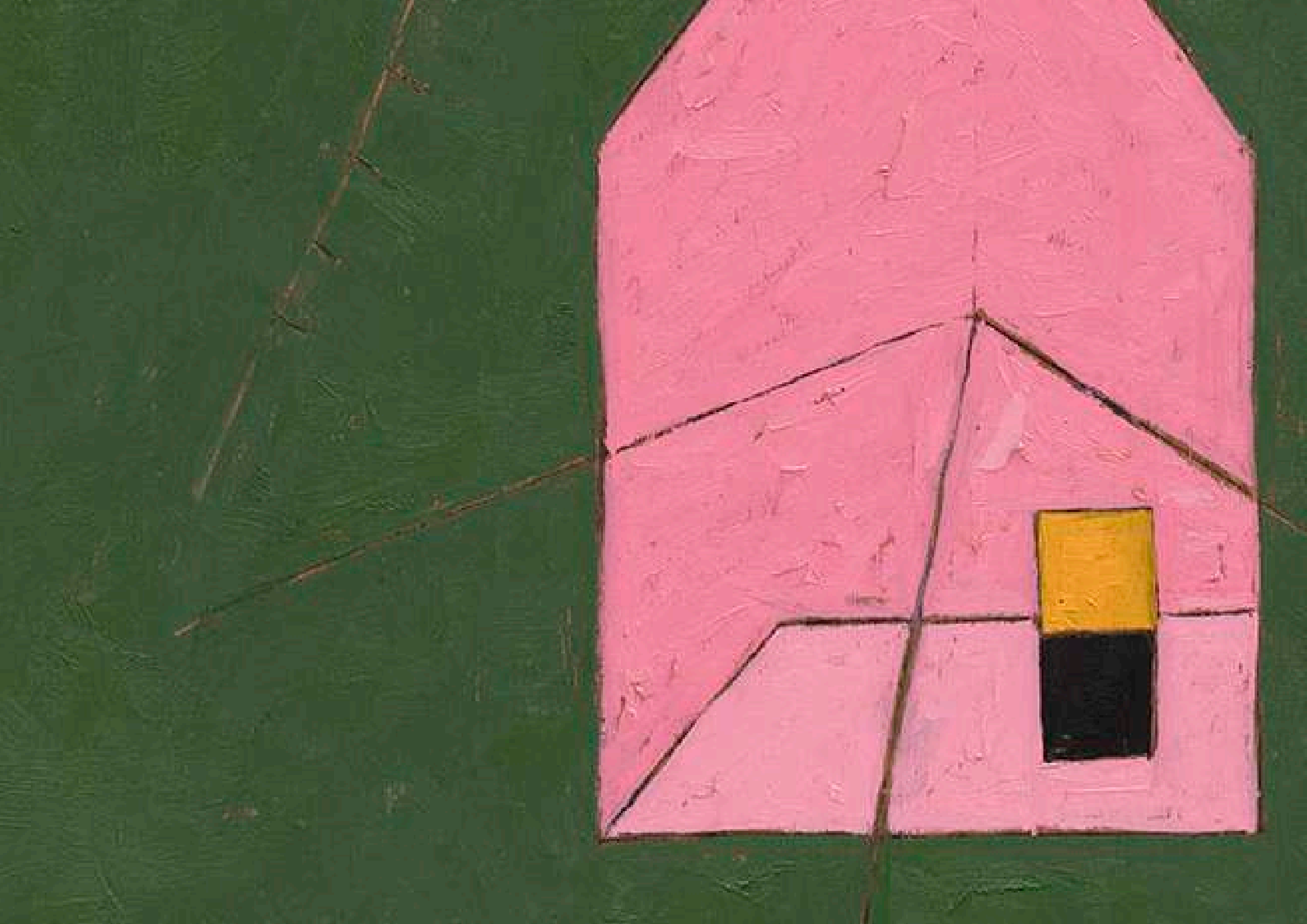
1978 II Encontro de Artistas Plásticos e Artesãos de Brazlândia, Brasília, Brasil

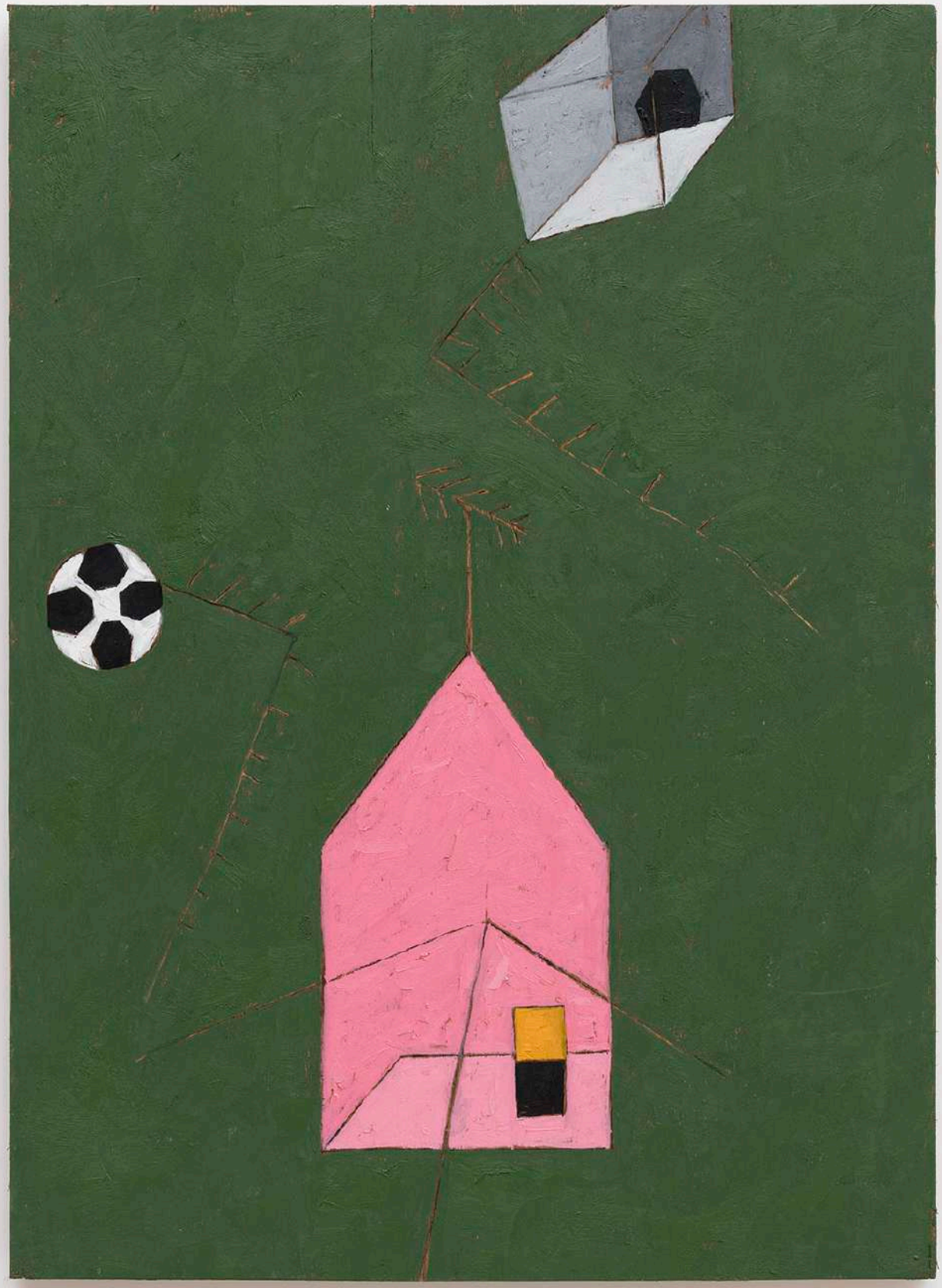
Coleções públicas [Public Collections]

Casa da Cultura da América Latina, Brasília, Brasil
Igrejinha Nossa Senhora de Fátima, Brasília, Brasil
Museu de Arte de Brasília — MAB, Brasília, Brasil
Museu de Arte Contemporânea — MAC Niterói, Niterói, RJ, Brasil
Museu Nacional de Belas Artes — MNBA, Rio de Janeiro, Brasil
Palácio do Itamaraty, Brasília, Brasil



Ensaio [Essay], 1997
Assinada, datada, titulada e localizada no verso
[Signed, dated, titled and located on the reverse]
Óleo sobre madeira [Oil on wood]
55 x 40 cm [21 5/8 x 15 3/4 in]
(GLN-0070)





Mato verde [Green Grass], 2021
Assinada, titulada e localizada no verso
[Signed, dated and localized on the reverse]
Óleo sobre madeira [Oil on wood]
109 x 79.5 cm [42 7/8 x 31 1/4 in]
(GLN-0004)

Exposições [Exhibitions]
Francisco Galeno: O Piauí é aqui — e o Piauí não é aqui.
Galatea: São Paulo, 12 de novembro de 2024 a 25 de janeiro de 2025 [12th November 2024 to 25th January 2025]





Sem título [Untitled], 2010
Assinada e localizada no verso
[Signed and localized on the reverse]
Óleo sobre madeira [Oil on wood]
110 x 79.5 cm [43 1/4 x 31 1/4 in]
(GLN-0046)

Exposições [Exhibitions]
Francisco Galeno: O Piauí é aqui — e o Piauí não é aqui. Galatea: São Paulo, 12 de novembro de 2024 a 25 de janeiro de 2025 [12th November 2024 to 25th January 2025]



Francisco Galeno: O Piauí é aqui — e o Piauí não é aqui. Galatea: São Paulo, 12 de novembro de 2024 a 25 de janeiro de 2025 [12th November 2024 to 25th January 2025]



Exposições [Exhibitions]
Cais - Galatea Salvador. Salvador, 31 de janeiro a 16 de março de 2024 [January 31st to March 16th, 2024]
Francisco Galeno: O Piauí é aqui — e o Piauí não é aqui. Galatea: São Paulo, 12 de novembro de 2024 a 25 de janeiro de 2025 [12th November 2024 to 25th January 2025]

Batendo cabeça [Banging the Head], 2020
Assinada, datada e titulada no verso
[Signed, dated and titled on the reverse]
Óleo sobre madeira [Oil on wood]
110 x 79.5 cm [43 1/4 x 31 1/4 in]
(GLN-0002)





Sem título [Untitled], 2021
Assinada e localizada no verso
[Signed and localized on the reverse]
Óleo sobre madeira [Oil on wood]
109 x 159 cm [42 7/8 x 62 5/8 in]
(GLN-0009)

Exposições [Exhibitions]
Francisco Galeno: O Piauí é aqui — e o Piauí não é aqui. Galatea: São Paulo, 12 de novembro de 2024 a 25 de janeiro de 2025
[12th November 2024 to 25th January 2025]





Sem título [Untitled], 2020
Madeira [Wood]
43 x 290 x 40 cm
[16 7/8 x 114 1/8 x 15 3/4 in]
(GLN-0033)

Exposições [Exhibitions]
Francisco Galeno: O Piauí é aqui — e o Piauí não é aqui. Galatea: São Paulo, 12 de novembro de 2024 a 25 de janeiro de 2025 [12th November 2024 to 25th January 2025]





Exposições [Exhibitions]
Francisco Galeno: O Piauí é aqui — e o Piauí não é aqui. Galatea: São Paulo, 12 de novembro de 2024 a 25 de janeiro de 2025 [12th November 2024 to 25th January 2025]

Sem título [Untitled], 2020
Madeira [Wood]
35 x 90 x 37 cm [13 3/4 x 35 3/8 x 14 5/8 in]
(GLN-0014)







Rendado [Lace-Trimmed], 2020
Assinada, datada, titulada e localizada no verso [Signed, dated, titled and localized on the reverse]
Óleo e carvão sobre madeira
[Oil and charcoal on wood]
110 x 80 cm [43 1/4 x 31 1/2 in]
(GLN-0043)

Exposições [Exhibitions]
Francisco Galeno: O Piauí é aqui — e o Piauí não é aqui. Galatea: São Paulo, 12 de novembro de 2024 a 25 de janeiro de 2025 [12th November 2024 to 25th January 2025]

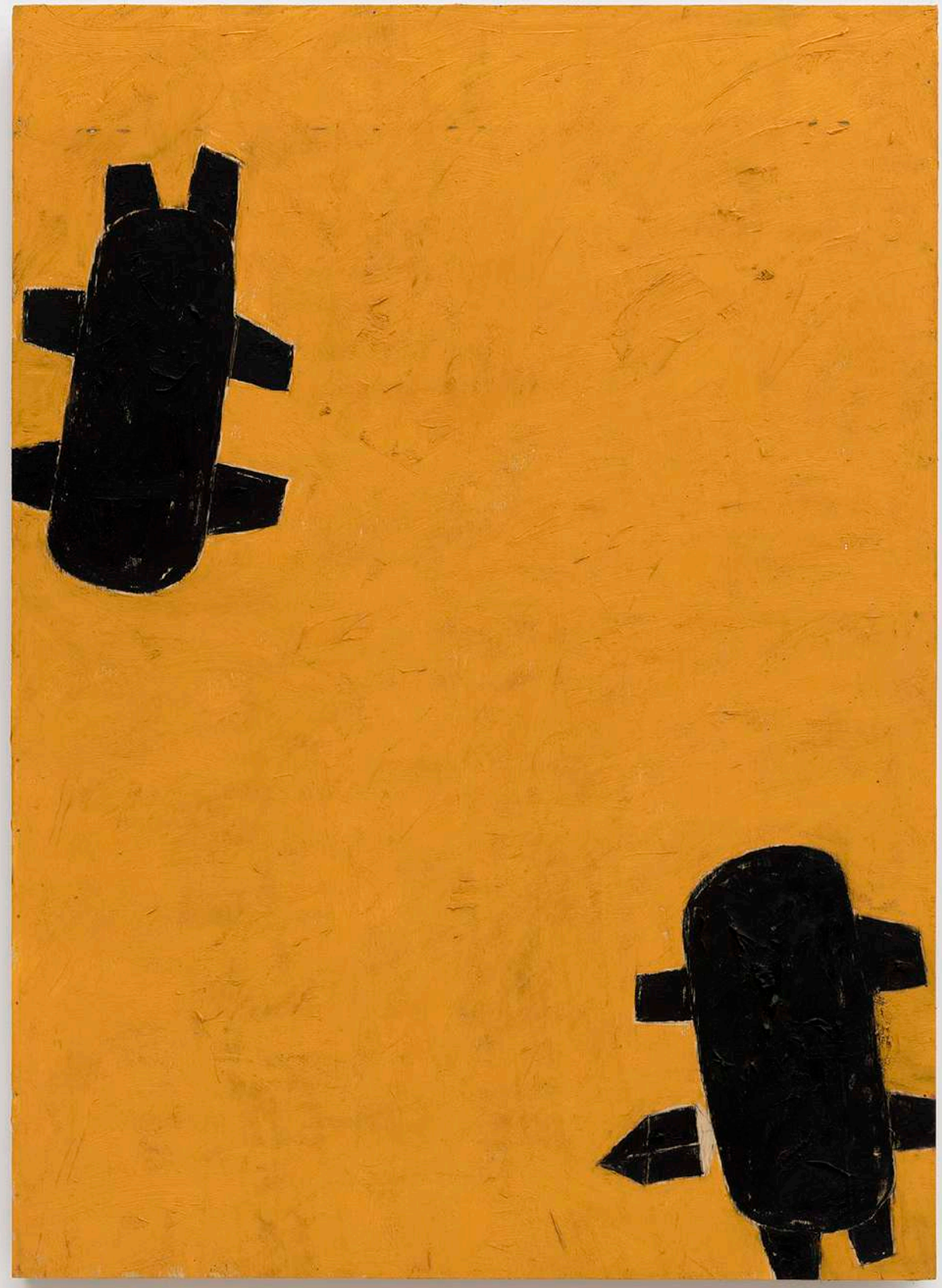
"Rendada"

galeno

Parnaíba PI

2020

1.10 x 80

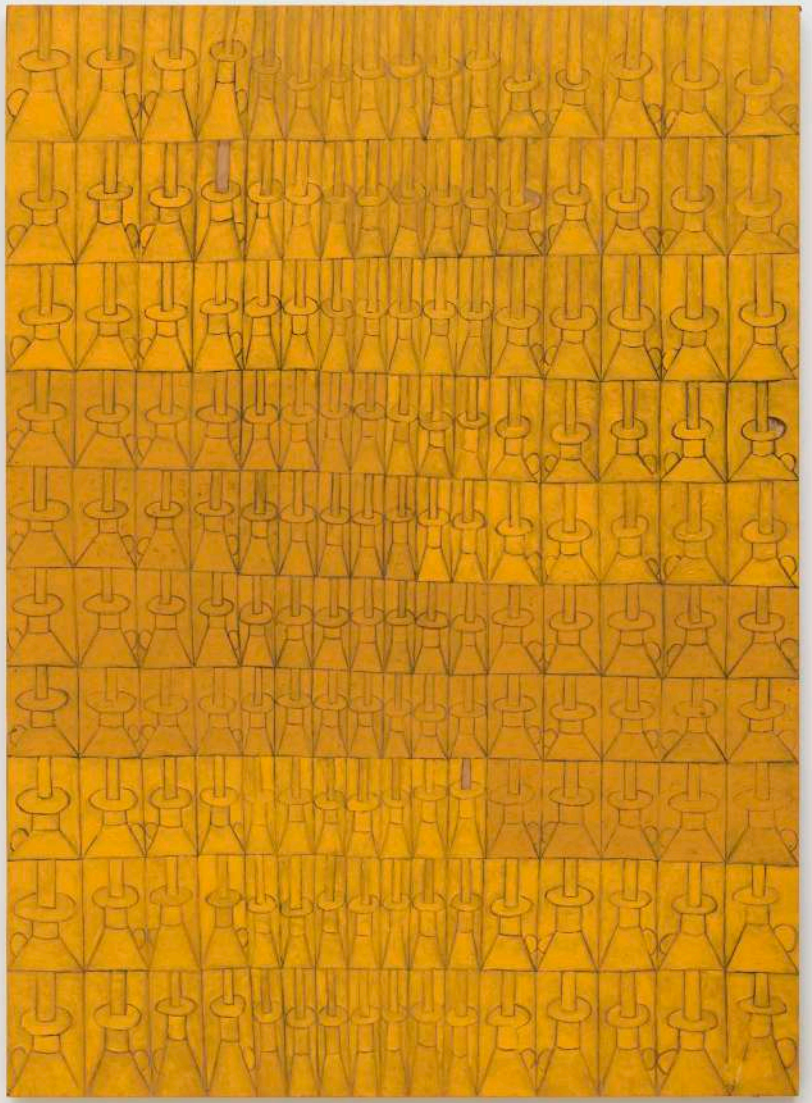


Sem título [Untitled], 2010
Assinada e localizada no verso
[Signed and localized on the reverse]
Óleo sobre madeira [Oil on wood]
110 x 79.5 cm [43 1/4 x 31 1/4 in]
(GLN-0032)

Exposições [Exhibitions]
Francisco Galeno: O Piauí é aqui — e o Piauí não é aqui. Galatea: São Paulo, 12 de novembro de 2024 a 25 de janeiro de 2025 [12th November 2024 to 25th January 2025]

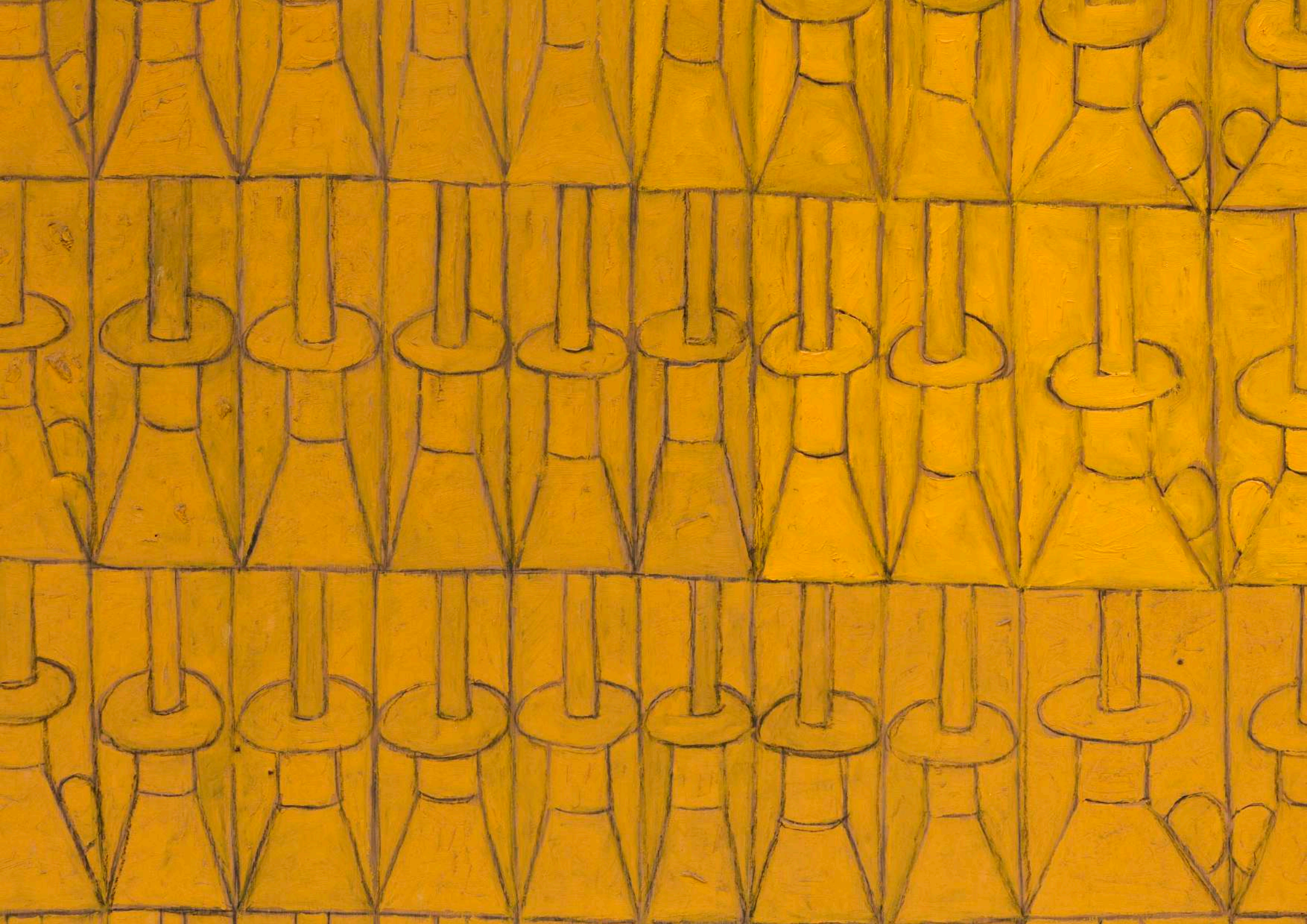


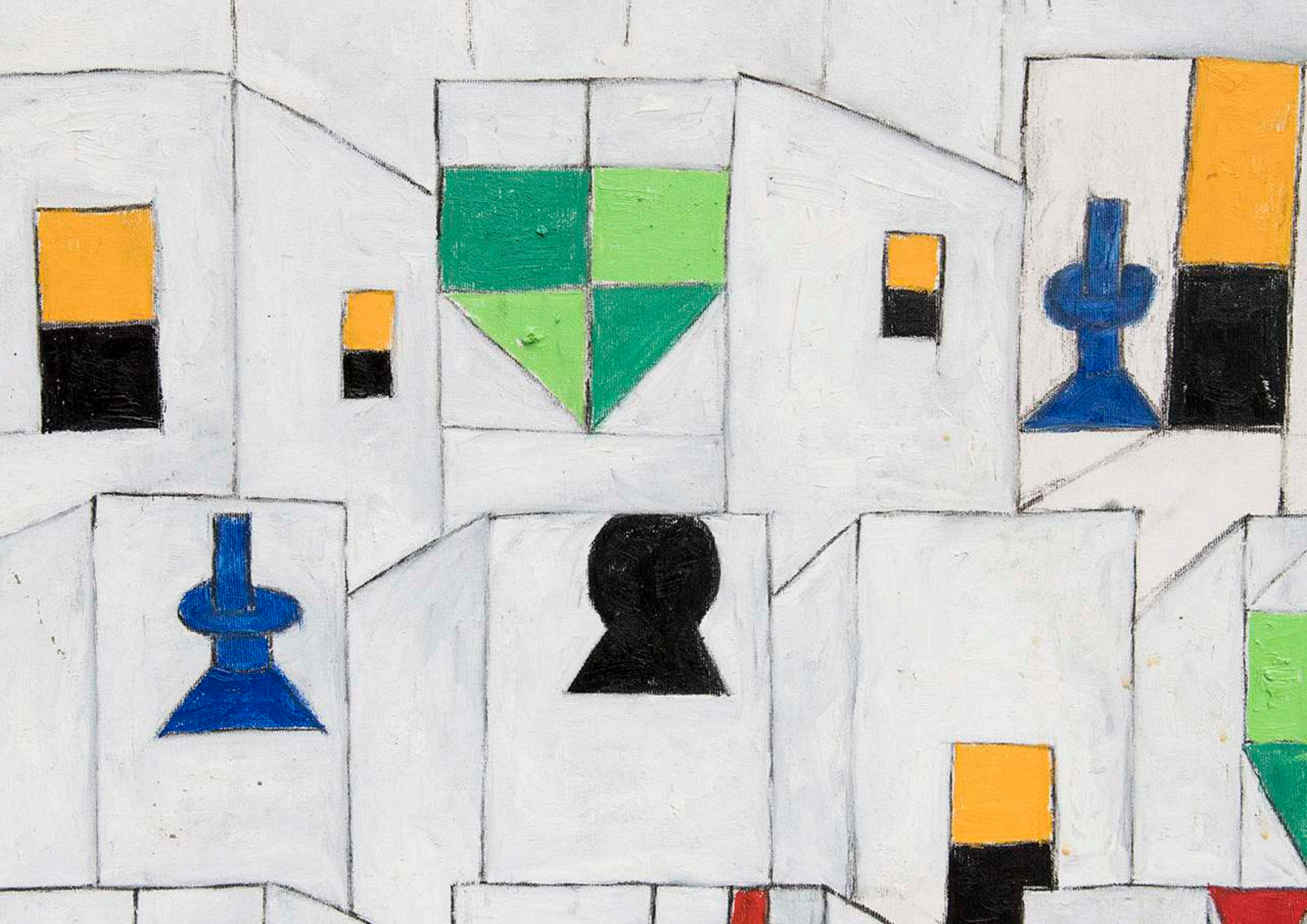
Exposições [Exhibitions]
Francisco Galeno: O Piauí é aqui — e o Piauí não é aqui. Galatea: São Paulo, 12 de novembro de 2024 a 25 de janeiro de 2025 [12th November 2024 to 25th January 2025]

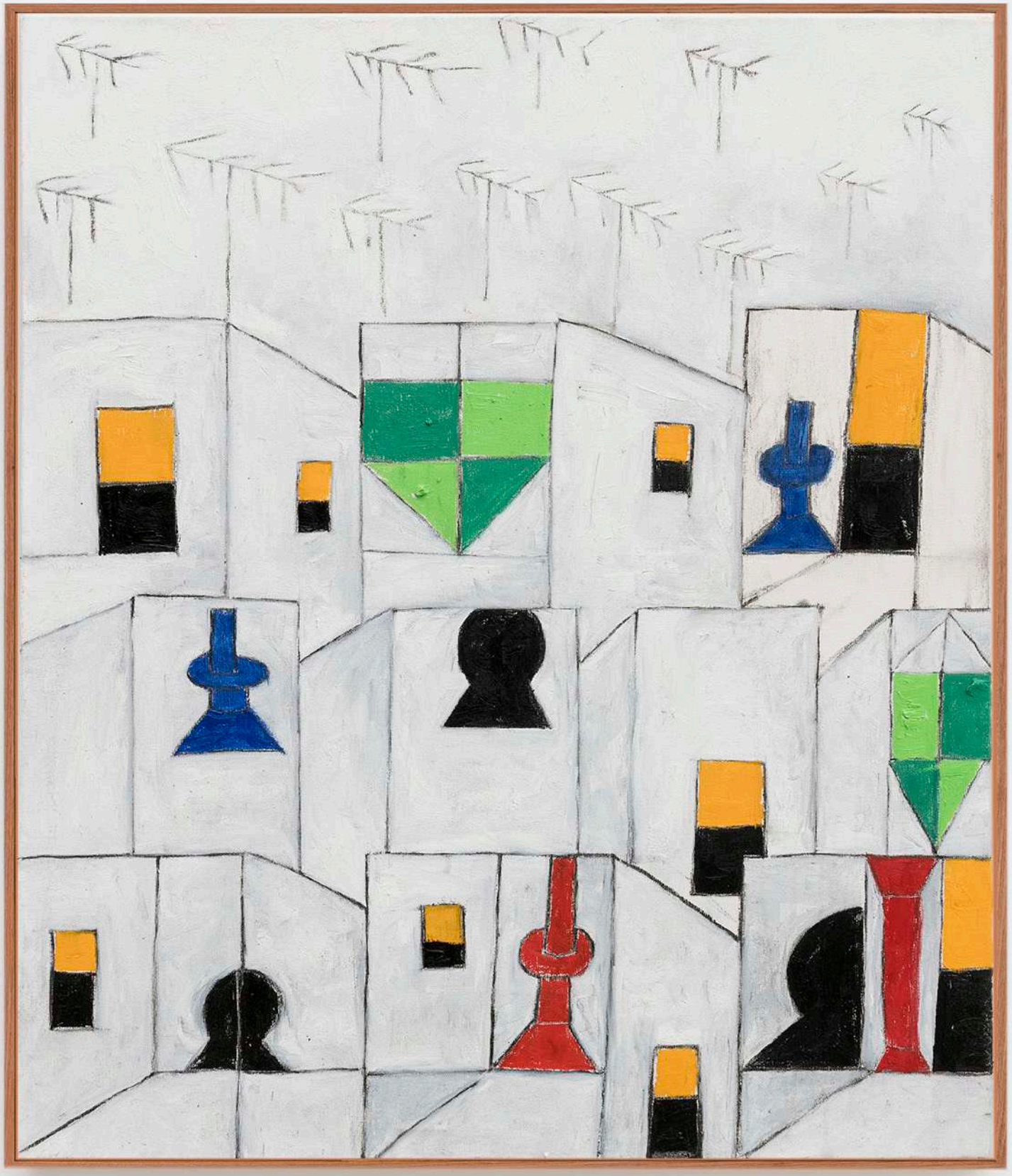




Melão [Melon], 2010-2020
Assinada e localizada no verso
[Signed e localized on the reverse]
Óleo sobre madeira [Oil on wood]
221 x 160 cm [87 x 63 in]
(GLN-0038)







Sem título [Untitled], 2021
Assinada e localizada no verso
[Signed and localized on the reverse]
Óleo sobre tela [Oin on canvas]
70 x 59.5 cm [27 1/2 x 23 3/8 in]
(GLN-0039)

Exposições [Exhibitions]
Francisco Galeno: O Piauí é aqui — e o Piauí não é aqui. Galatea: São Paulo, 12 de novembro de 2024 a 25 de janeiro de 2025 [12th November 2024 to 25th January 2025]



Francisco Galeno: O Piauí é aqui — e o Piauí não é aqui. Galatea: São Paulo, 12 de novembro de 2024 a 25 de janeiro de 2025 [12th November 2024 to 25th January 2025]



Sem título [Untitled], 2021
Assinada e localizada no verso
[Signed and localized on the reverse]
Óleo sobre madeira [Oil on wood]
110 x 80 cm [43 1/4 x 31 1/2 in]
(GLN-0005)

Exposições [Exhibitions]
Francisco Galeno: O Piauí é aqui — e o Piauí não é aqui. Galatea: São Paulo, 12 de novembro de 2024 a 25 de janeiro de 2025 [12th November 2024 to 25th January 2025]





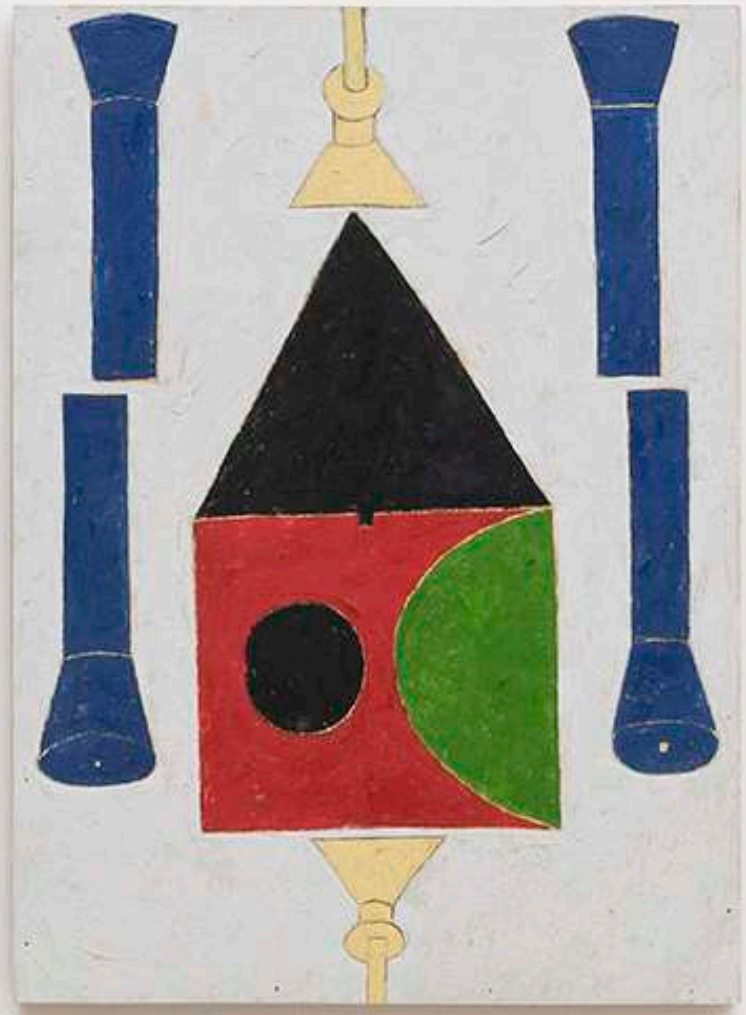


Exposições [Exhibitions]
Cais - Galatea Salvador. Salvador, 31 de janeiro a 16 de março de 2024 [January 31st to March 16th, 2024]
Francisco Galeno: O Piauí é aqui — e o Piauí não é aqui. Galatea: São Paulo, 12 de novembro de 2024 a 25 de janeiro de 2025 [12th November 2024 to 25th January 2025]

Na paz [In Peace], 2020
Assinada, datada e titulada no verso
[Signed, dated and titled on the reverse]
Óleo sobre madeira [Oil on wood]
110 x 79.5 cm [43 1/4 x 31 1/4 in]
(GLN-0001)

Exposições [Exhibitions]
Francisco Galeno: O Piauí é aqui — e o Piauí não é aqui. Galatea: São Paulo, 12 de novembro de 2024 a 25 de janeiro de 2025 [12th November 2024 to 25th January 2025]



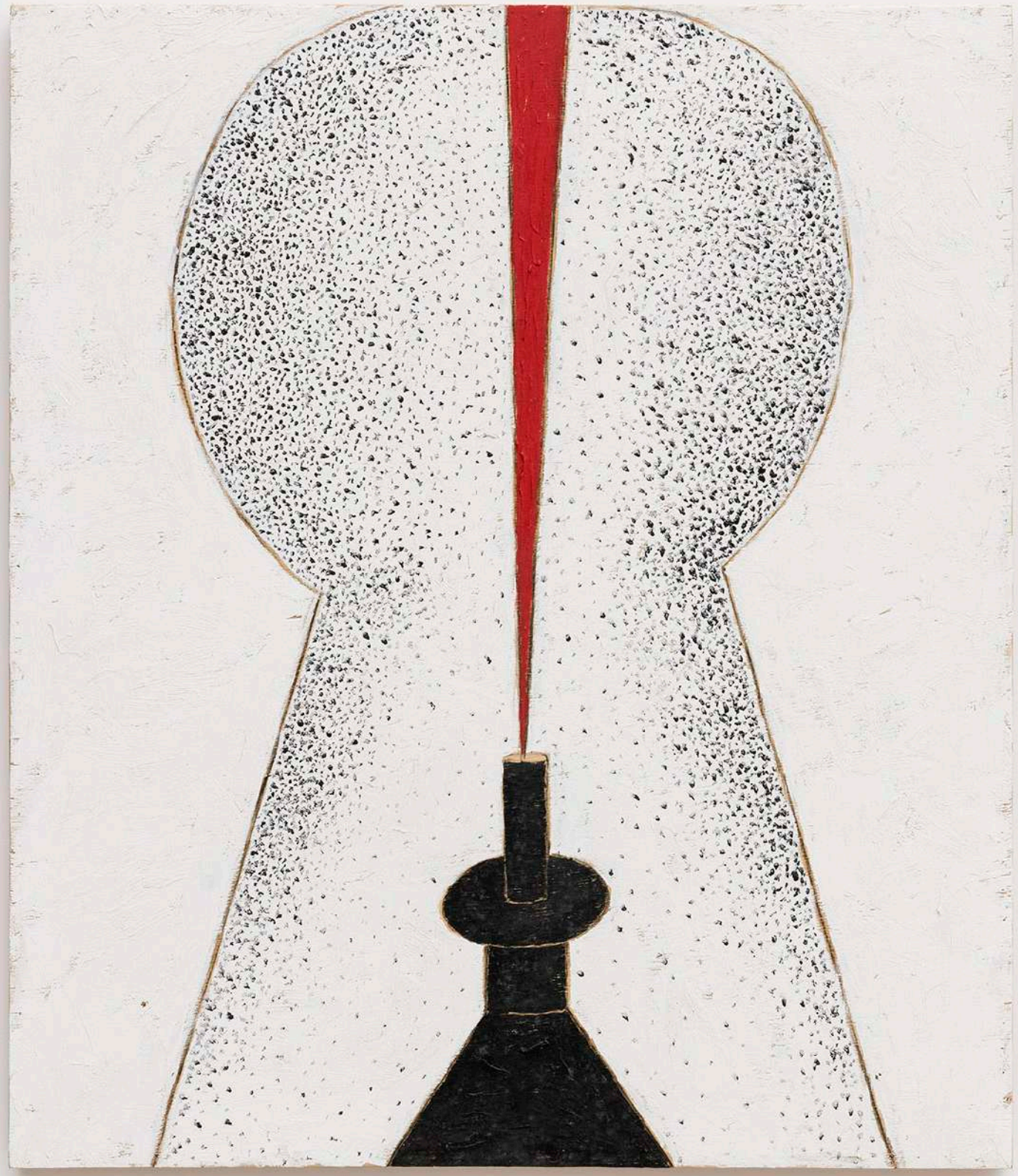


Fanta uva [Fanta Grape], 2020
Assinada, datada, titulada e localizada no verso [Signed, dated, titled and localized on the reverse]
Óleo sobre madeira
[Oil on wood]
110 x 80 cm [43 1/4 x 31 1/2 in]
(GLN-0013)



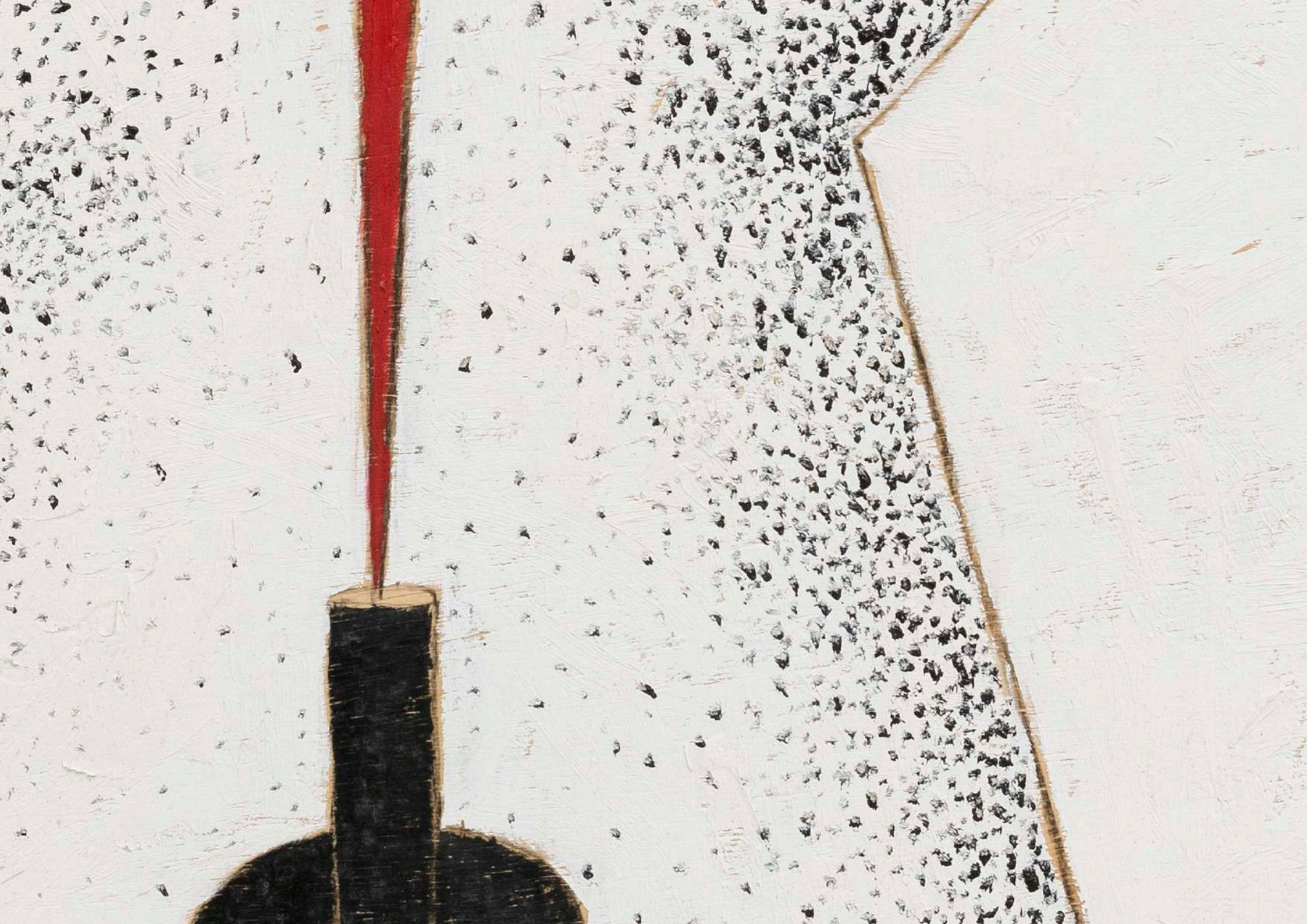


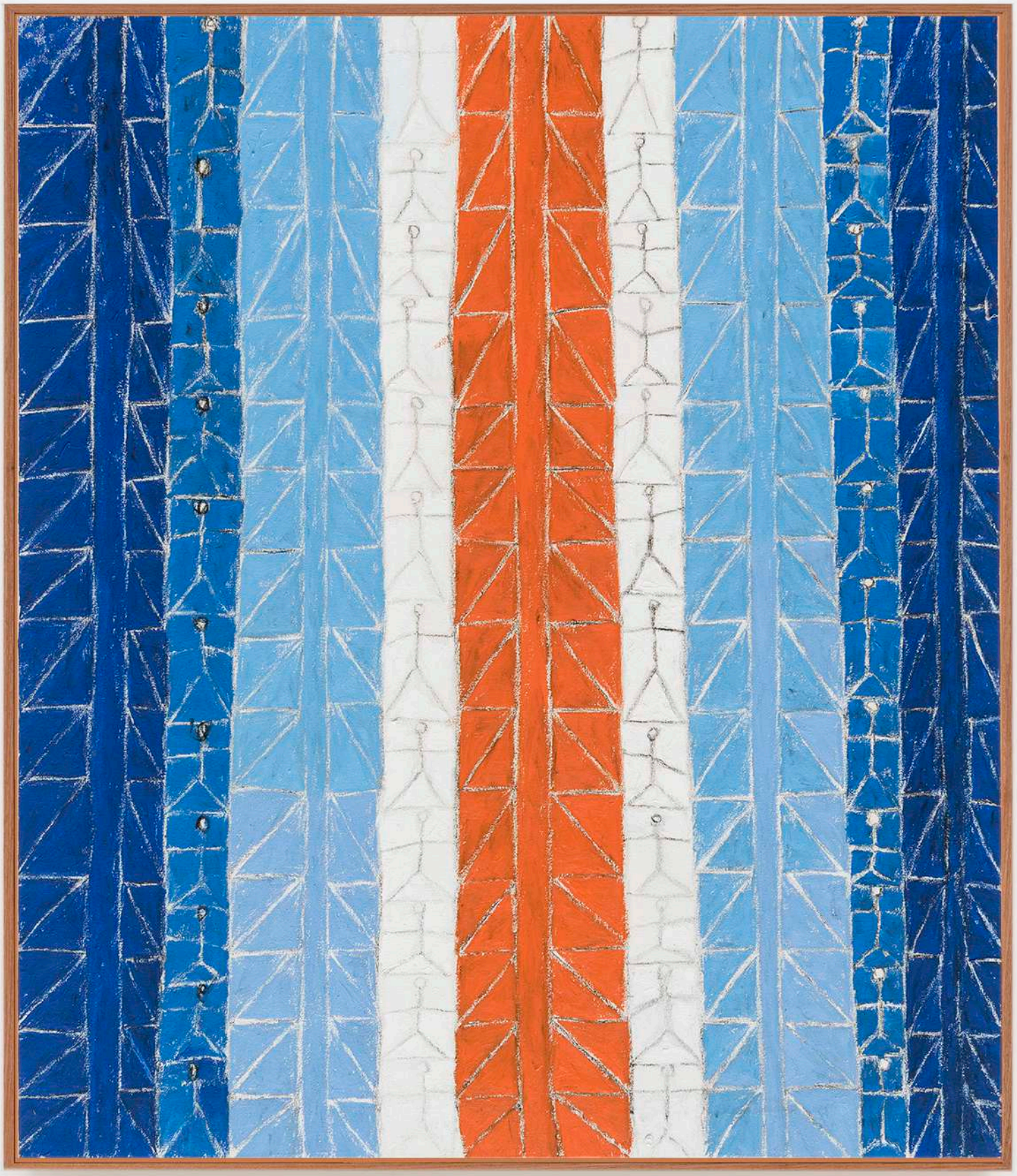
Francisco Galeno: O Piauí é aqui — e o Piauí não é aqui. Galatea: São Paulo, 12 de novembro de 2024 a 25 de janeiro de 2025 [12th November 2024 to 25th January 2025]



Sem título [Untitled], 2020
Assinada e localizada no verso
[Signed and localized on the reverse]
Óleo sobre madeira [Oil on wood]
86 x 74.7 cm [33 7/8 x 29 3/8 in]
(GLN-0048)

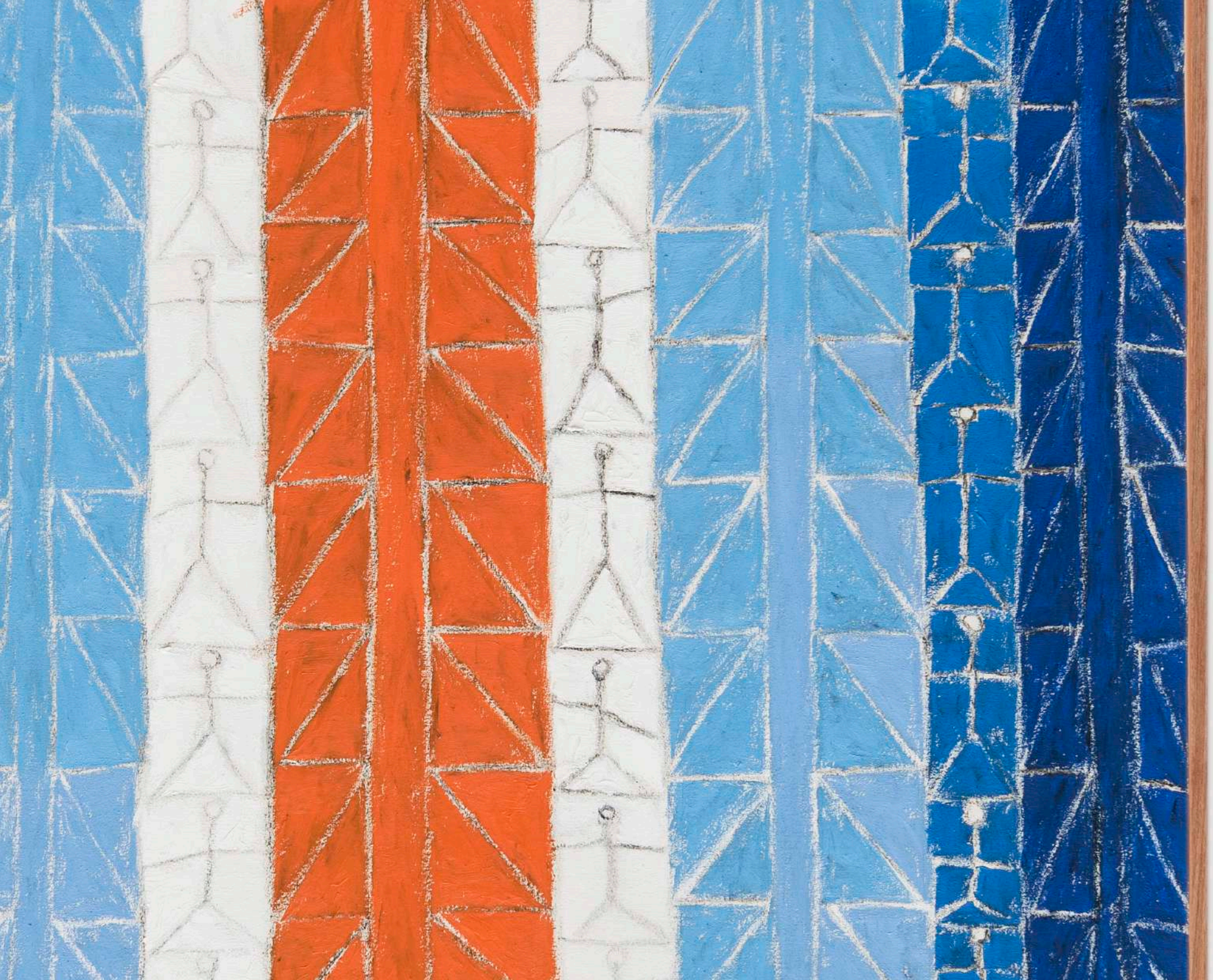
Exposições [Exhibitions]
Francisco Galeno: O Piauí é aqui — e o Piauí não é aqui. Galatea: São Paulo, 12 de novembro de 2024 a 25 de janeiro de 2025 [12th November 2024 to 25th January 2025]





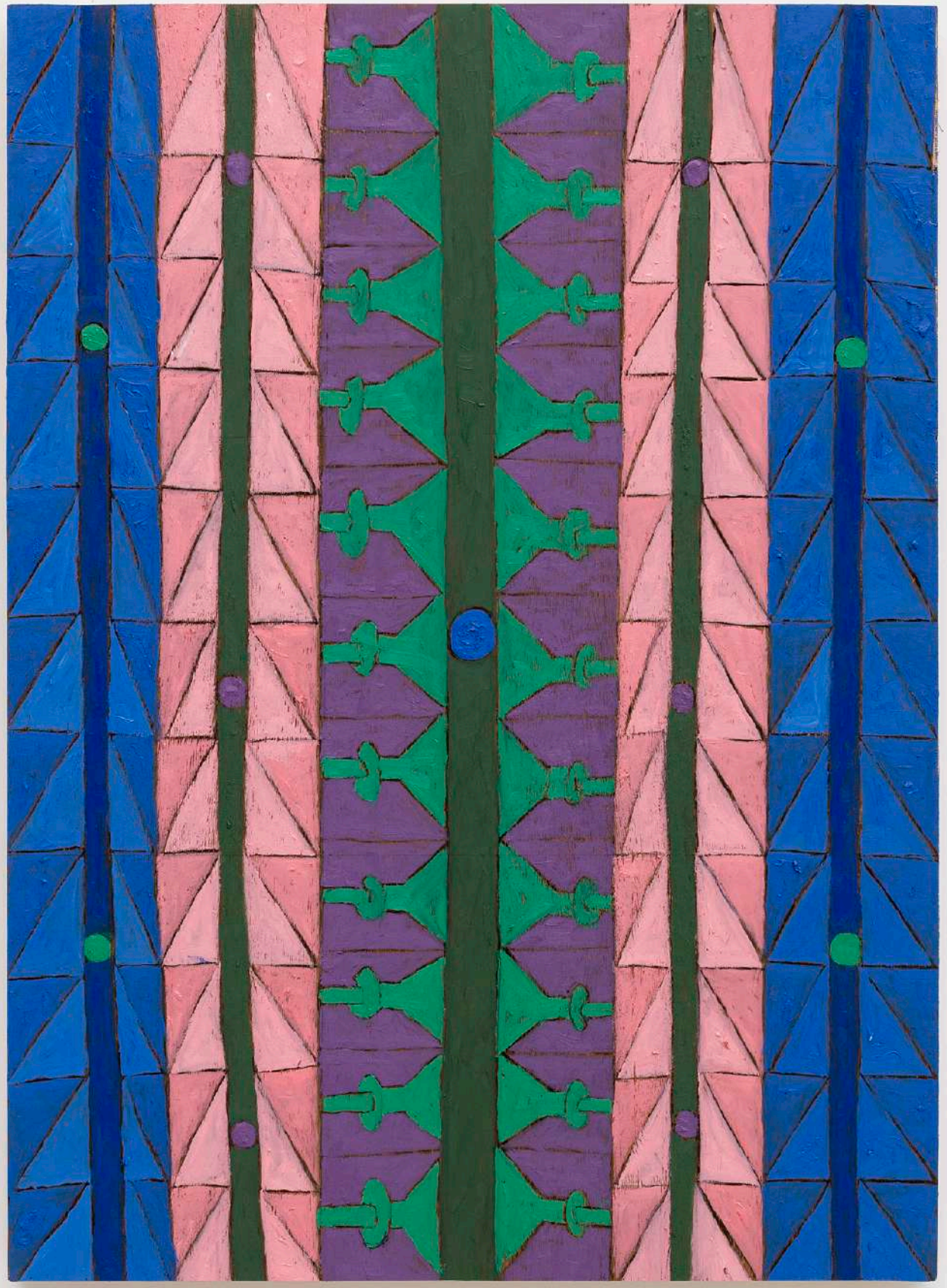
Sem título [Untitled], 2020
Assinada e localizada no verso
[Signed e localized on the reverse]
Óleo sobre tela [Oil on canvas]
70 x 60 cm [27 1/2 x 23 5/8 in]
(GLN-0037)

Exposições [Exhibitions]
Francisco Galeno: O Piauí é aqui — e o Piauí não é aqui. Galatea: São Paulo, 12 de novembro de 2024 a 25 de janeiro de 2025 [12th November 2024 to 25th January 2025]





Francisco Galeno: O Piauí é aqui — e o Piauí não é aqui. Galatea: São Paulo, 12 de novembro de 2024 a 25 de janeiro de 2025 [12th November 2024 to 25th January 2025]

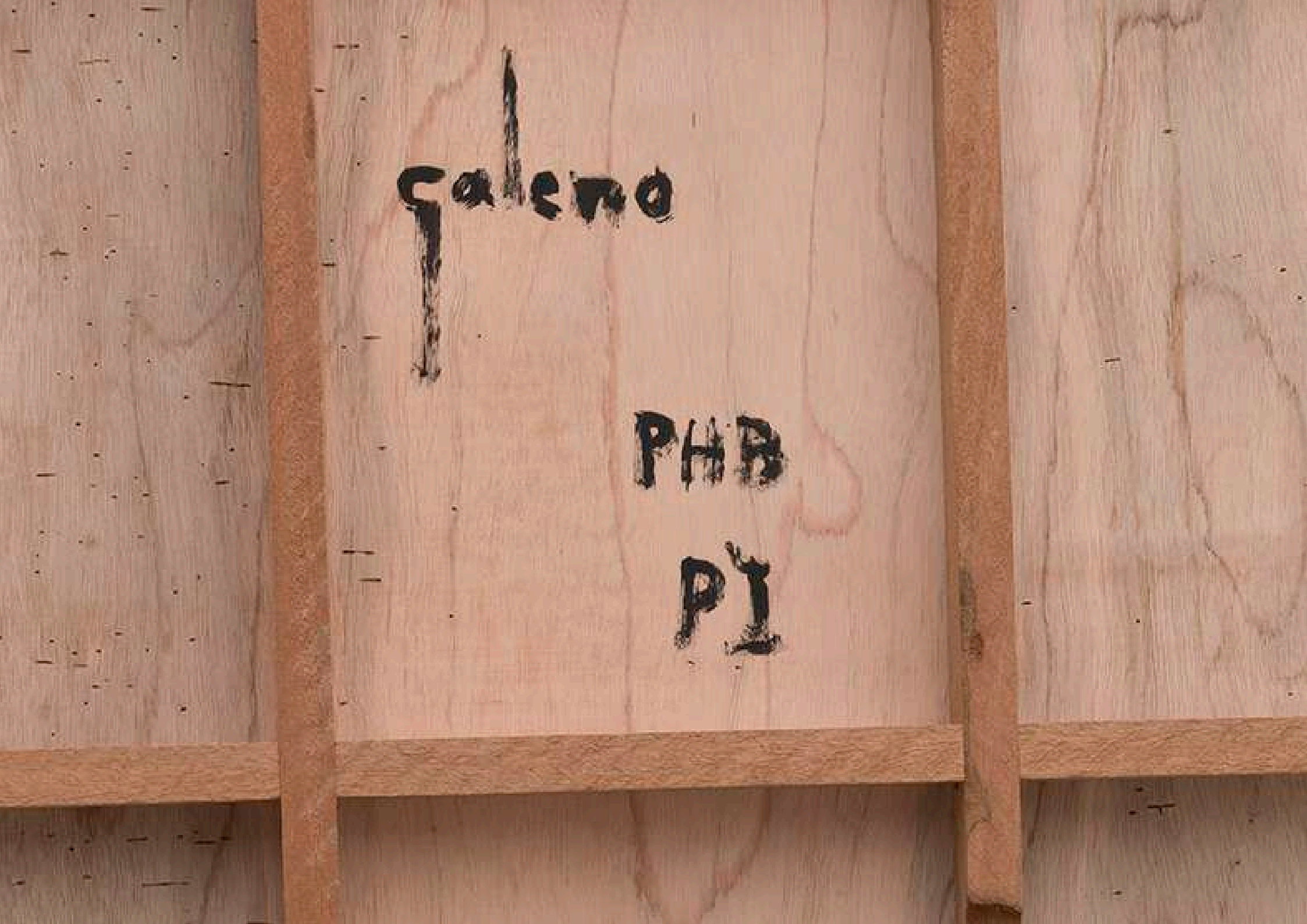


Sem titulo [Untitled], 2024
Óleo sobre madeira [Oil on wood]
110 x 80 cm [43 1/4 x 31 1/2 in]
(GLN-0063)



Gata Espóra, 2025
Assinada, titulada e localizada no verso
[Signed, titled and located on the reverse]
Óleo sobre madeira [Oil on wood]
110 x 80 cm [43 1/4 x 31 1/2 in]
(GLN-0065)




Falero
PHB
PJ

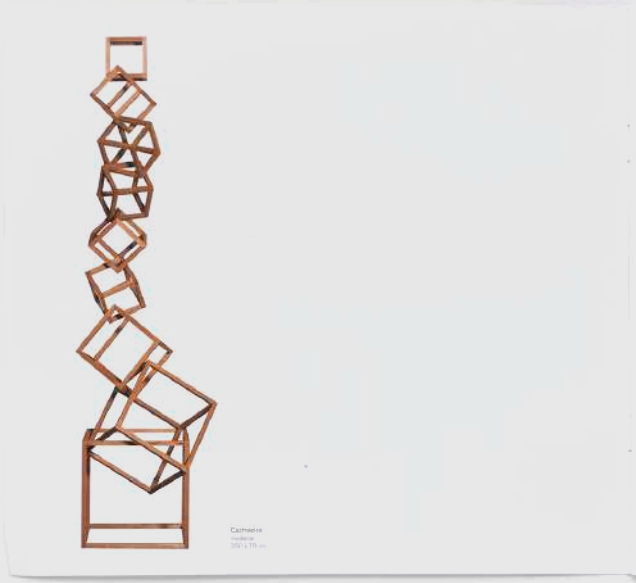


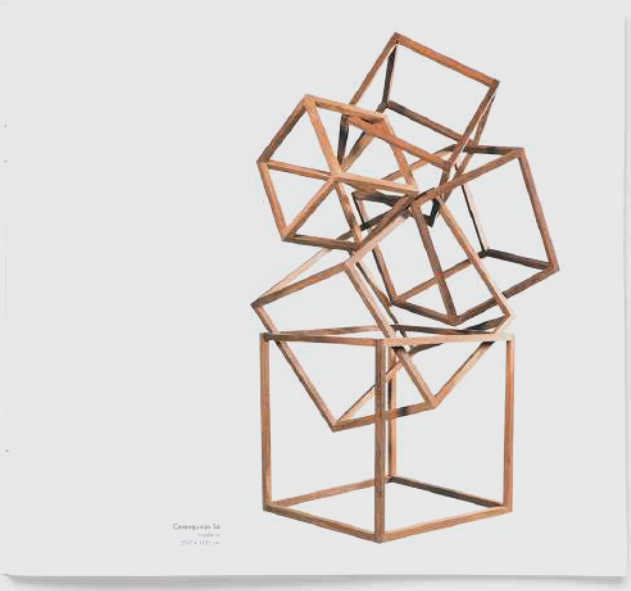
Sem título [Untitled], 2010
Madeira [Wood]
60 x 260 x 55 cm
[23 5/8 x 102 3/8 x 21 5/8 in]
(GLN-0057)

Exposições [Exhibitions]
Francisco Galeno: O Piauí é aqui — e o Piauí não é aqui. Galatea: São Paulo, 12 de novembro de 2024 a 25 de janeiro de 2025 [12th November 2024 to 25th January 2025]
Galeno Latomia: pinturas, esculturas e objetos. Caixa Cultural: Brasília, 19 de abril a 21 de maio de 2006 [April 9th to May 21st, 2006], outro exemplo [another example]

Literatura [Literature]
Galeno Latomia: pinturas, esculturas e objetos. Brasília: Caixa Cultural, 2006 – p. 1,2, outro exemplo [another example]







Catálogo [Catalog] *Galeno Latomia: pinturas, esculturas e objetos*.
Brasília: Caixa Cultural, 2006 – p. 1,2.

Exposições [Exhibitions]
Francisco Galeno: O Piauí é aqui — e o Piauí não é aqui. Galatea: São Paulo, 12 de novembro de 2024 a 25 de janeiro de 2025 [12th November 2024 to 25th January 2025]

Seu Malaquias [Mr. Malaquias], 2010
Madeira, vidro, metal, borracha, bola de gude e dados [Wood, glass, metal, rubber, marbles, and dice]
130 x 95 x 142 cm [51 1/8 x 37 3/8 x 55 7/8 in]
(GLN-0045)

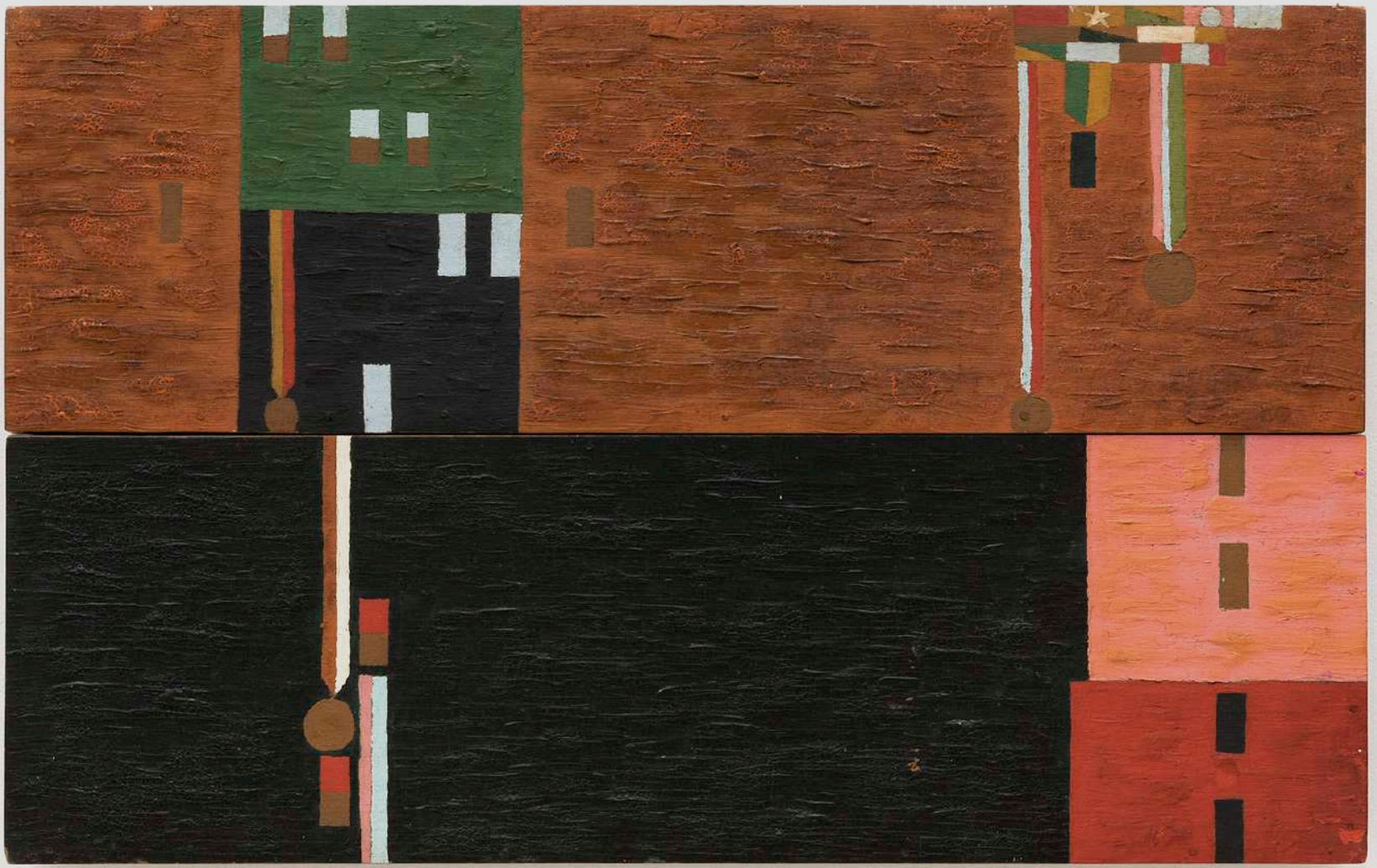




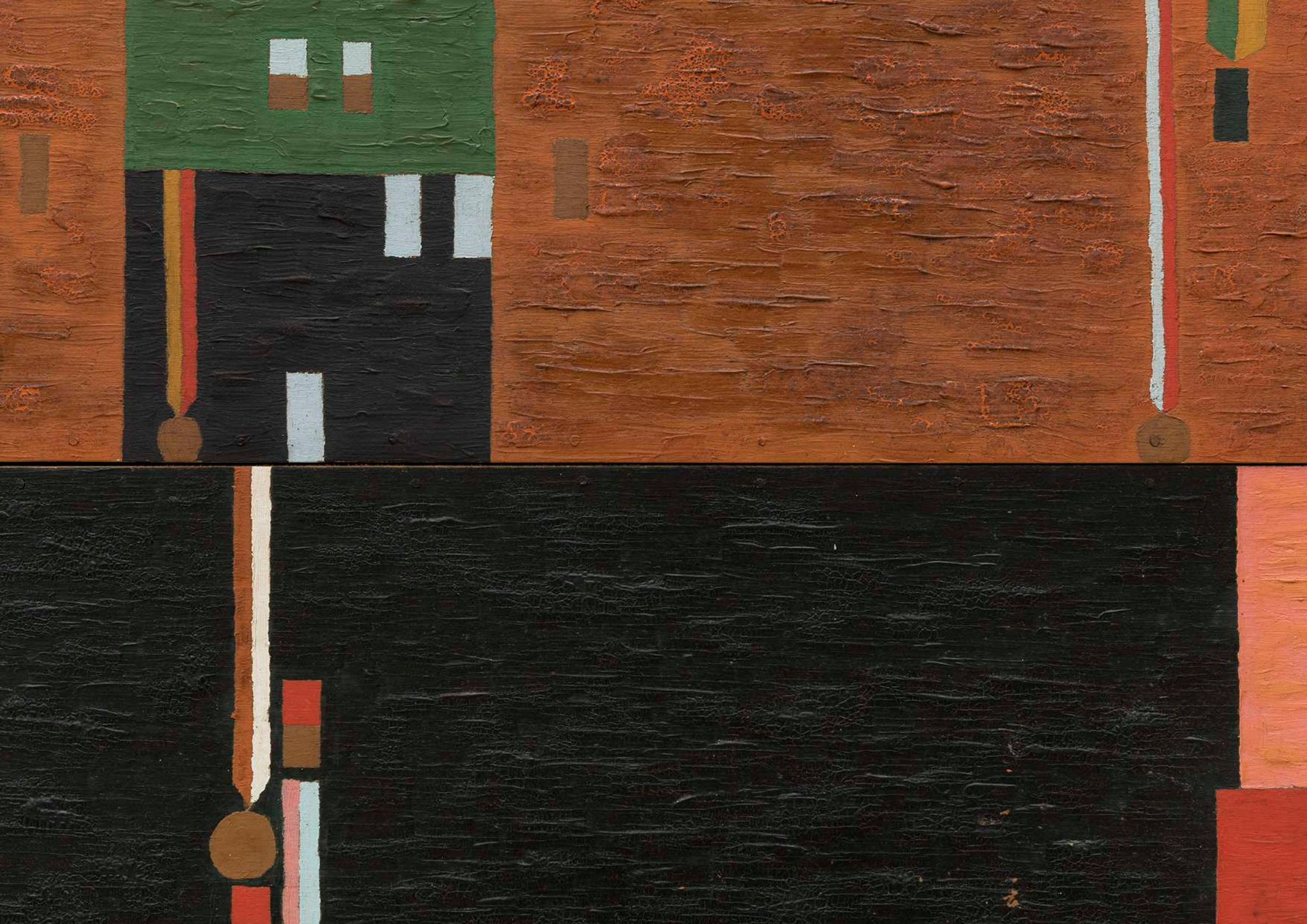


Exposições [Exhibitions]
Francisco Galeno: O Piauí é aqui — e o Piauí não é aqui. Galatea: São Paulo, 12 de novembro de 2024 a 25 de janeiro de 2025 [12th November 2024 to 25th January 2025]

Caixa de fósforo [Matchbox], 2019-2020
Óleo sobre madeira [Oil on wood]
16 x 10 x 6 cm [6 1/4 x 4 x 2 3/8 in]
(GLN-0015) (GLN-0023)
(GLN-0021) (GLN-0020)



*Sem título [*Untitled], 1983
Assinada, datada e localizada no verso [Signed, dated and located on the reverse]
Óleo sobre madeira [Oil on wood]
70 x 44 cm [27 1/2 x 17 3/8 in]
(GLN-0072)





*Sem título [*Untitled], 1980
Óleo sobre tela [Oil on canvas]
71 x 60 cm [28 x 23 5/8 in]
(GLN-0071)





Igrejinha Nossa Senhora de Fátima – Brasília



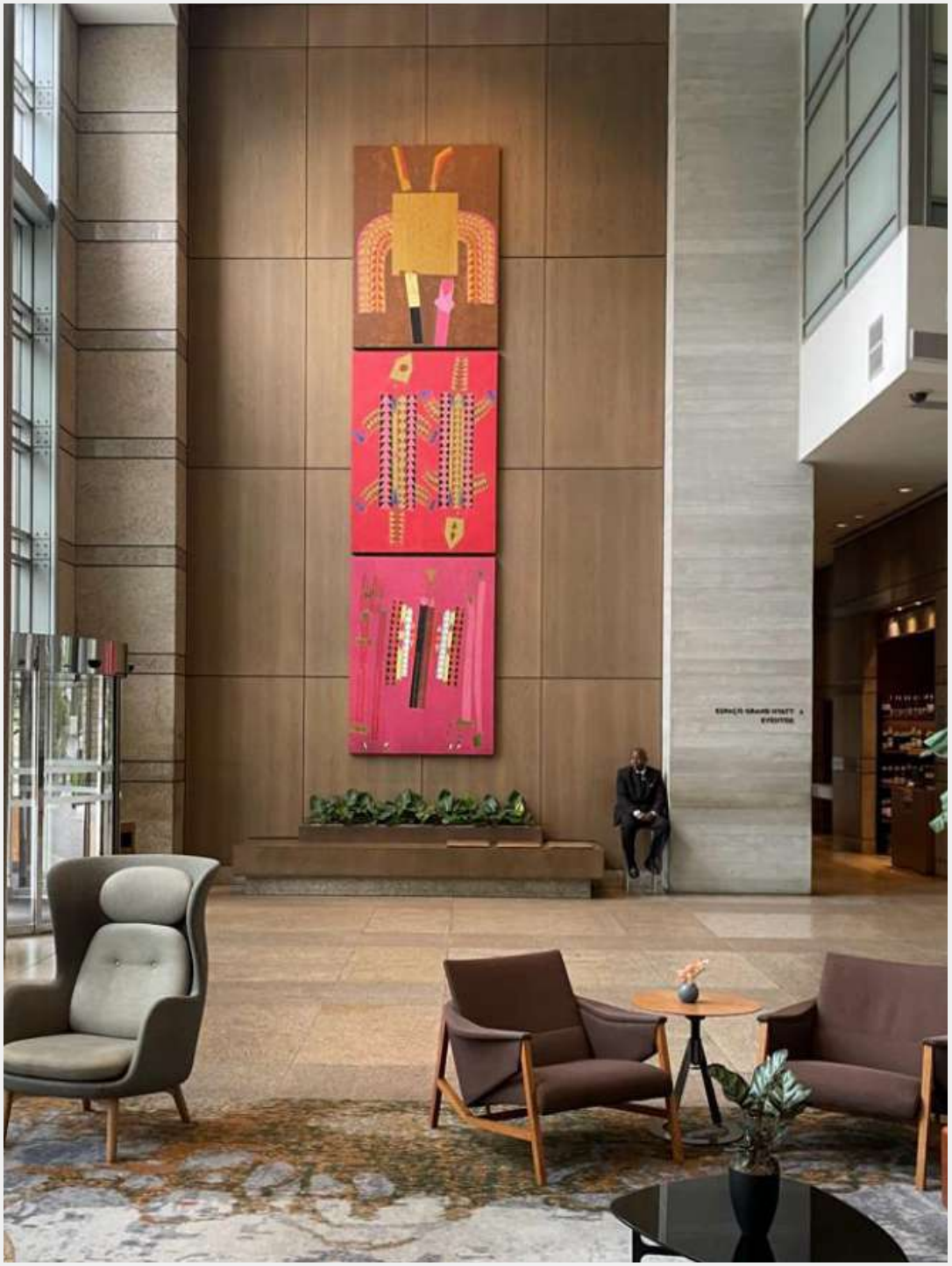


Igrejinha Nossa Senhora de Fátima – Brasília

Fotografias de Francisco Galeno e seus trabalhos na Revista GPS Brasília. Edição nº 15, ano 5, 2016
[Photos of Francisco Galeno and his artworks in GPS Brasília magazine. issue nº 15, year 5, 2016]



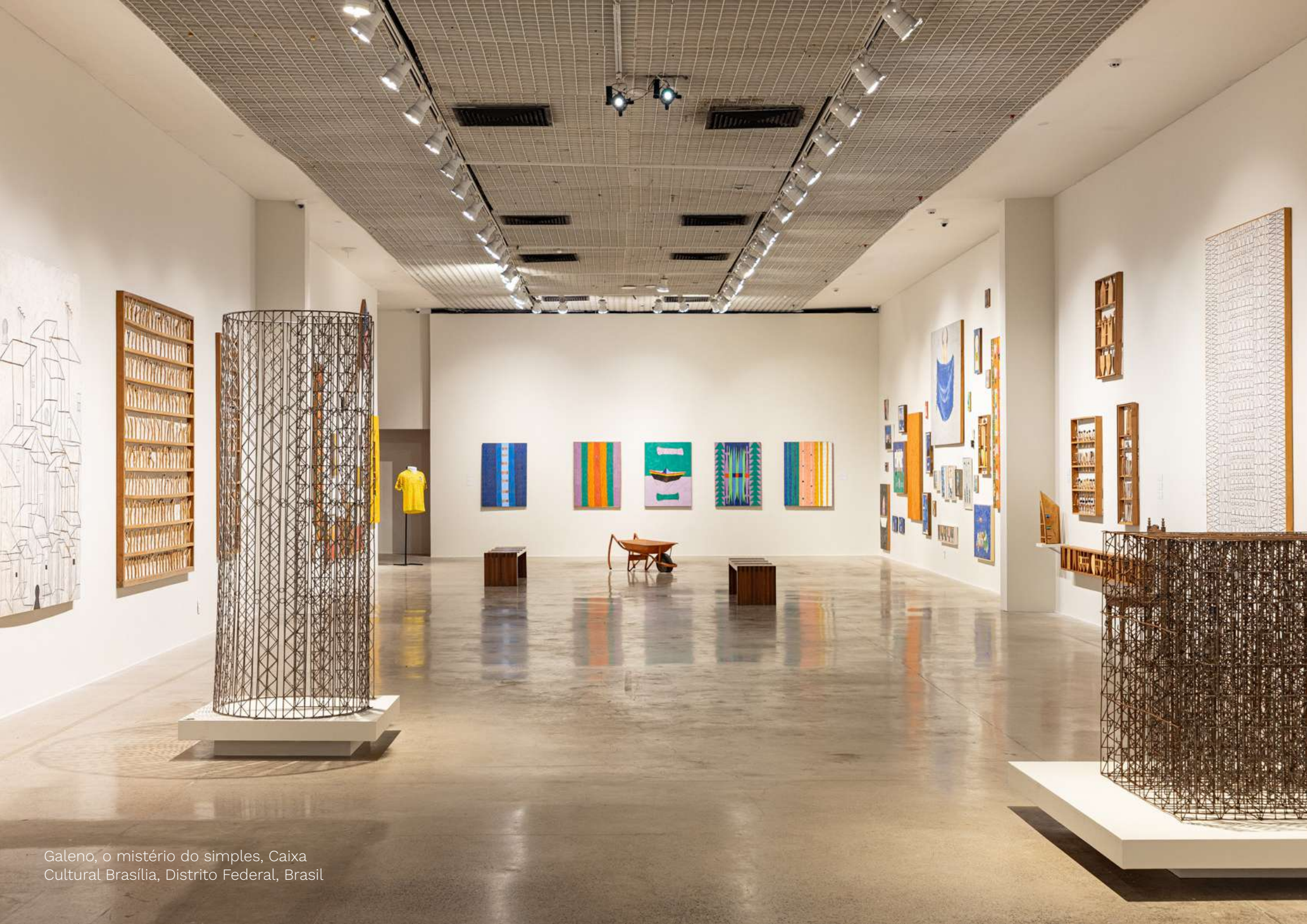
As Quatro Estações, 2025.
Obra instalada no Salão Nobre do Palácio do Planalto, Brasília.



Coleção [Collection] Grand Hyatt - São Paulo



Galeno, o mistério do simples, Caixa Cultural Brasília, Distrito Federal, Brasil



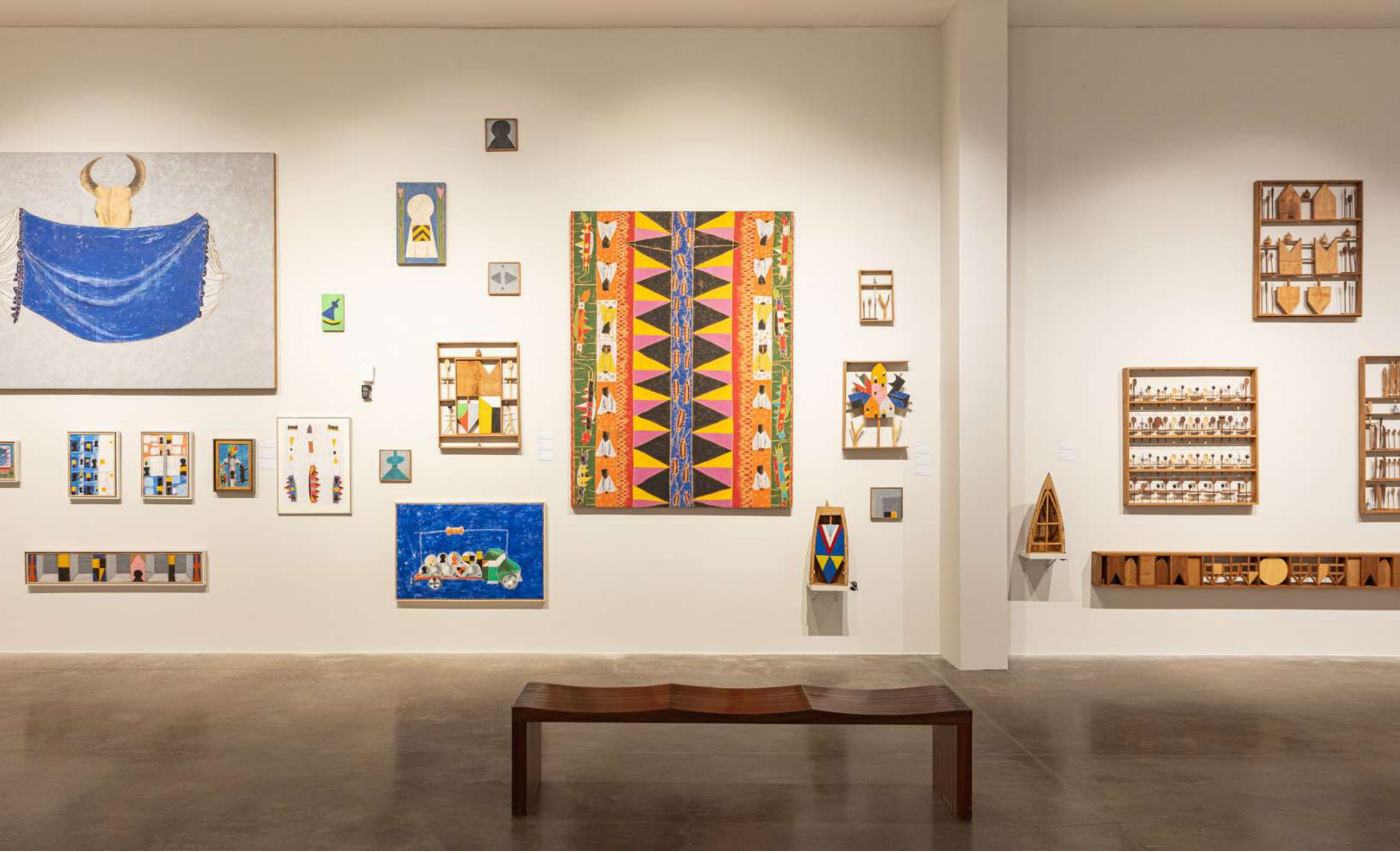
Galeno, o mistério do simples, Caixa Cultural Brasília, Distrito Federal, Brasil



Galeno, o mistério do simples, Caixa Cultural Brasília, Distrito Federal, Brasil



Galeno, o mistério do simples, Caixa Cultural Brasília, Distrito Federal, Brasil



Galeno, o mistério do simples, Caixa Cultural Brasília, Distrito Federal, Brasil



ARQUIVO IMPRENSA
[ARCHIVE PRESS]

A matéria quente da pintura

caderno 2

Francisco Galeno expõe a partir de hoje na galeria Espaço Capital. "Brinquedos de Olhar" é a reafirmação do artista entre os mais insólitos e elegantes trabalhos de pintura da atualidade.

Celso Araújo

O ateliê do pintor é simples como um escritório vazio. Nas paredes, a diferença. Várias telas, de tamanhos variados, com aquelas formas ágeis, rápidas como notas musicais num cenário de cor. Algumas esculturas do mestre Quinca, um som de carregar na mão, a janela dando para um tamarineiro e a pracinha do Setor Tradicional de Brazlândia. Na sala ao lado as manicures atendem as unhas mais cuidadas do lugar. Galeno se alimenta daquele sossego sem poluição ou rotas alteradas. Ele próprio põe no tape deck a sua fitinha de baião e pega as tintas, espalhadas no chão, para iniciar o seu jogo com a pintura. "Eu não pinto sem dançar um baião".

Francisco Galeno, 32 anos, expõe a partir de amanhã na galeria Espaço Capital. A exposição chama-se "Brinquedos de Olhar" e, apesar de toda a leveza e descontração da maioria dos quadros, Galeno não está brincando com a pintura. Está solidificando um dos mais elegantes, incisivos e insólitos trabalhos de pintura na [illegible] nacional. Outras exposições de Galeno ocupam, nesta temporada, as galerias "Documenta" de São Paulo e Curitiba. Devagar e sempre, um dos mais sinceros e originais trabalhos de artes plásticas dos anos 80. E Francisco Galeno, respirando fundo, quer ir mais distante.

Formação do olhar

"Tear", "Pipa", "Camaleão", "Almofada", "Eu e Papai Dando uma Bola", são os nomes de algumas dessas telas em madeira. Quase sempre com suportes diferenciados, quase esculturas pintadas. Francisco Galeno multiplica os seus campos de visão e artimanhas com a cor. Para ele, o começo de tudo está na infância. Em Parnaíba, cidade litorânea do Piauí, descobriu que o mundo se fazia em horizontes, ondas, ruídos, coloridos no espaço. Desenhava, com o irmão, os superheróis. Nadava no rio e atirava pedras ao sol, mas está lá com suas cópias do National Kid, do Capitão América, do Batman. Aos oito anos, a família inteira, eram nove irmãos, muda-se para a "Capital da Esperança". Vão morar próximo à Avenida das Nações, numa invasão, à beira do Lago Paranoá e quase em cima de uma estação de tratamento de lixo. Na natureza, nada se perde, tudo se transforma.

Galeno atravessava o Paranoá, que na época não era tão poluído e disputado. Desde 69, ele vive em Brazlândia e está convencido de que ali era um pedaço do paraíso. Tanto é que está cuidando definitivamente de uma casa, de um dos primeiros moradores, para instalar-se ali como um dos mais felizes filhos da terra.

Galeno fez uma trajetória rápida. Estudou com o português Moreira Azevedo as noções da pintura, a relação das cores, melhorando o desenho. Entre 77 e 78, freqüentou o Centro de Criatividade. Integrou como ator o grupo "Farsa", do Sesc, e chegou a representar umas três peças de teatro. "Hoje eu ainda faria teatro, mas esporadicamente. O teatro te dá outras noções, as relações são outras". Mais à frente, Galeno estudou música (dois anos de teoria e flauta transversal), mas trabalhava num banco. Era um conflito ter de conciliar a fome de pintar com a necessidade do emprego, a ânsia de expressar-se de maneira pessoal e intransferível e ser um burocrata. "Aquilo foi o meu purgatório".

Só dez anos depois de trabalhar em banco, Galeno se mudou de vez com telas e pincéis para o mundo da criação. E não quer mais sair dele. Respira formas pintadas e pinta olhando o tempo passar, como qualquer esperto caboclo que não se robotizou.

Quem viu o floclore?

E Francisco Galeno, por mais que transite no que ele próprio chama de "submundo do Terceiro Mundo", não é folclórico, nem regionalista, nem reduzidamente candango. Nem mesmo um primitivo ele é. É mais um punk de periferia, um outsider, como já disseram. Começou pintando camisetas, e depois em madeiras, preparadas em compensado e mogno por seu pai, que é um excelente marceneiro. As "prendas domésticas" da família não foram inúteis. Galeno recria, em composições de minimalismo onírico e formal, essas cenas cotidianas do trabalho, dos brinquedos de ver. Bandeiras, pipas, carretéis de costura, imagens religiosas, anzóis, barquinhos, passam por seus quadros, em escalas seriais e composições de uma poesia muito dominada pelas cores quentes.

"Eu via fotografias de ateliês sofisticados e ficava achando que não era pintor", diz ele, justificando-se por todos os pincéis e tintas estarem espalhados aleatoriamente pelo chão. Tintas nacionais: Galeno não pode importar ainda. Ele prefere dar à sua pintura uma realidade material bastante identificada com o lugar em que é produzida. "Antes eu fazia os croquis e depois pintava. Gosto de pintar sem preocupação. Eu vou diante de um quadro em branco e simplesmente começo a pintar".

A luta não foi nunca fácil. Por algum tempo, Francisco Galeno foi discriminado nos meios das artes plásticas em Brasília. "Eu fui discriminado por alguns salões. Ia ver o que estavam fazendo, o que tinha sido selecionado, e ficava assustado com os outros trabalhos. O sujeito pintava um tênis, um estilo hiper-realista, e era aceito no salão. Só porque era aluno da UnB".

Galeno voltava com seus quadros e um desafio a mais. O primeiro crítico a revelar seu trabalho foi Marcílio Farias. Marcílio escreveu na época: "Obra que se destaca rapidamente de tudo quanto está sendo feito nesta cidade, fora do ateliê de Rubem Valentim, até hoje a única usina de força da arte plástica da capital do País, não obstante ter-se na Universidade de Brasília um aparatoso e pomposo Departamento de Artes".

Rubem Valentim, a primeira vez que foi procurado por Galeno, tratou-o rispidamente. "Vá procurar a sua turma", foi o que ele disse. Hoje, Valentim reconhece que Galeno é um dos poucos jovens artistas com uma obra inteligente, prospectiva, marcante, não se sem antes ter dito a Galeno que "você tem tudo para ser um bom ilustrador".

Galeno não ficou afoito. Como taurino decidido a brigar com as cores e as formas, trabalhou obstinadamente em silêncio e afastamento de todas as modinhas. Buscou inspiração e cumplicidade em artistas como o Mestre Quinca, um artesão tradicional mas muito louco, de Brazlândia.

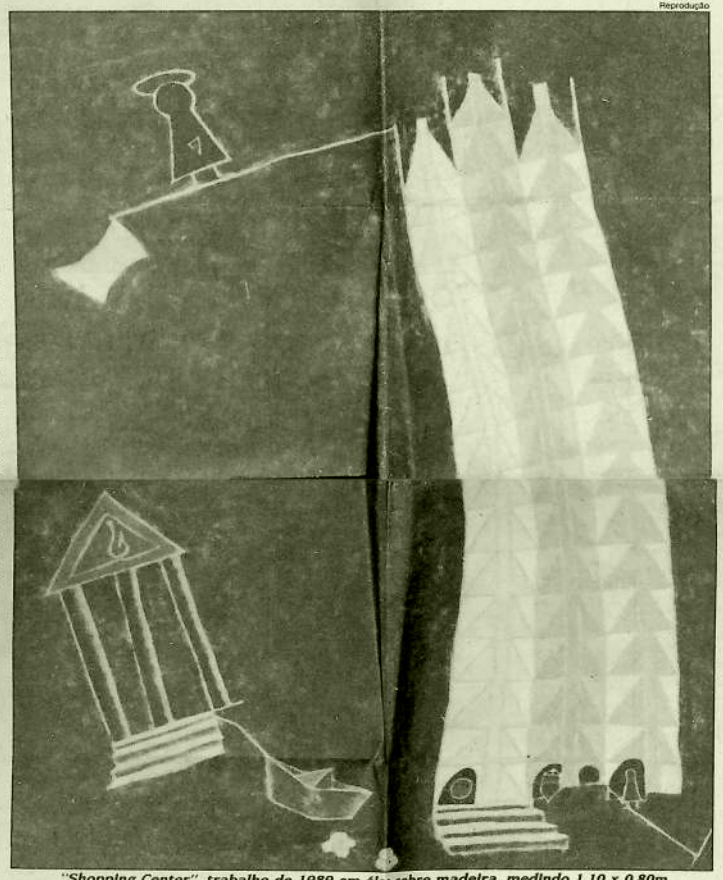
Notações da beleza

Como o que interessa num pintor são realmente as cores em sua movimentação inesperada pelo espaço, Galeno distingue-se particularmente de toda a produção contemporânea da pintura brasileira da nova geração. Enveredou por veredas de linguagem e observação só realmente presentes em obras de mestre como Volpi ou Rubem Valentim. Suas composições chamam a atenção pela qualidade poética com que se impõem nos suportes. Galeno opõe o claro e o escuro, o sério e o prazeiroso, o trágico e o banal. Sem fazer figuras, sem deter-se em melindres, ele risca, marca e pinta a pelo seco. Uma pintura que tem momentos sombrios, noites por atravessar, mas que se revela quando vigilante armado pelos dentes do riso, detectando no espaço os belos corpos que integram-se em átomos de cor. Aí está a iniciação de uma original e verdadeira arte brasileira, surgindo de uma tradição que não apodreceu no tempo ousando arriscar-se com a mesma boa vontade dos candangos que vieram ocupar Brasília.

Francisco Galeno registra o plural e o singular. A multiplicação é feroz. A alegria é a prova dos nove. A arte satisfaz-se inteiramente em seu ofício.

□ **BRINQUEDOS DE OLHAR - Exposição de Francisco Geino. Vernissage hoje, às 20h00, na galeria Espaço Capital Arte Contemporânea (CLS 405, Bloco B, Loja 16 - Fone: 244-8027). Até dia 21 de outubro.**

Reprodução



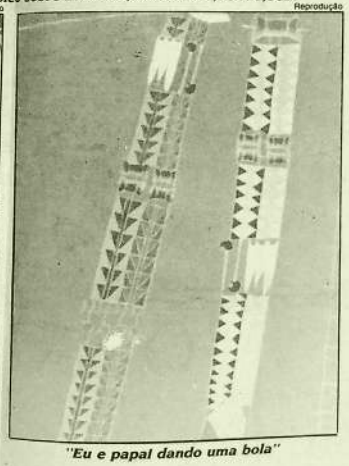
"Shopping Center", trabalho de 1989 em óleo sobre madeira, medindo 1,10 x 0,80m

Carlos Menandro



Galeno: o trágico e o banal, sem melindres

Reprodução



"Eu e papai dando uma bola"

A matéria quente da pintura
Francisco Galeno expõe a partir de hoje na galeria Espaço Capital. ‘‘Brinquedos de Olhar” é a reafirmação do artista entre os mais insólitos e elegantes trabalhos de pintura da atualidade.

[The Hot Matter of Painting
Francisco Galeno exhibits starting today at the Espaço Capital gallery. “Brinquedos de Olhar” reaffirms the artist’s place among the most unique and elegant paintings of today]

Jornal de Brasília, 3 de outubro de 1989
[October 3rd, 1989]

EXPOSIÇÃO

Vernissage

A arte popular mostrada com nova textura

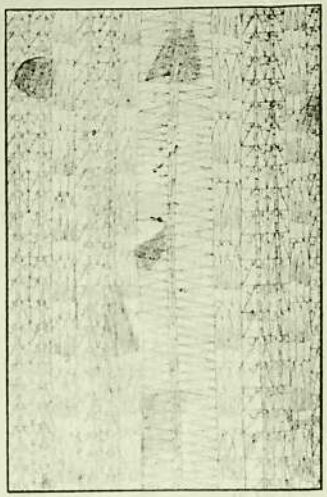
O artista plástico Galeno apresenta seu tema predileto — a arte popular — em novas texturas. Ao invés do óleo sobre madeira, que caracteriza a sua obra, ele expõe a partir de hoje, na ECT Galeria de Arte, uma série de 24 aquarelas. Seu figurativo está intimamente ligado às suas origens nordestinas. Já os trabalhos baseados em linhas remetem a estruturas e movimentos.

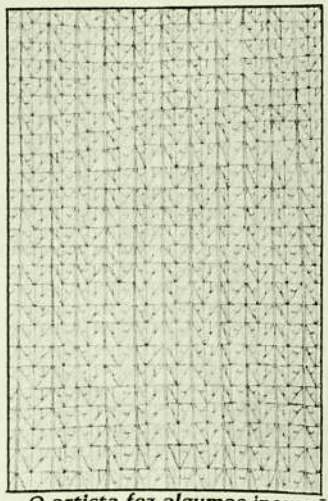
Suas teias, com linhas que podem remeter a uma renda de bilro do Nordeste ou redes de pesca, extrapolam esta primeira impressão. O observador atento poderá perceber que há em meio à verticalidade trabalhada, uma série de situações e movimentos demarcados. "Central do Brasil", por exemplo, conduz à um vai-e-vem. Galeno explica que este fluxo reflete o que sua imaginação pensa ser a estação ferroviária carioca, que ele não conhece pessoalmente.

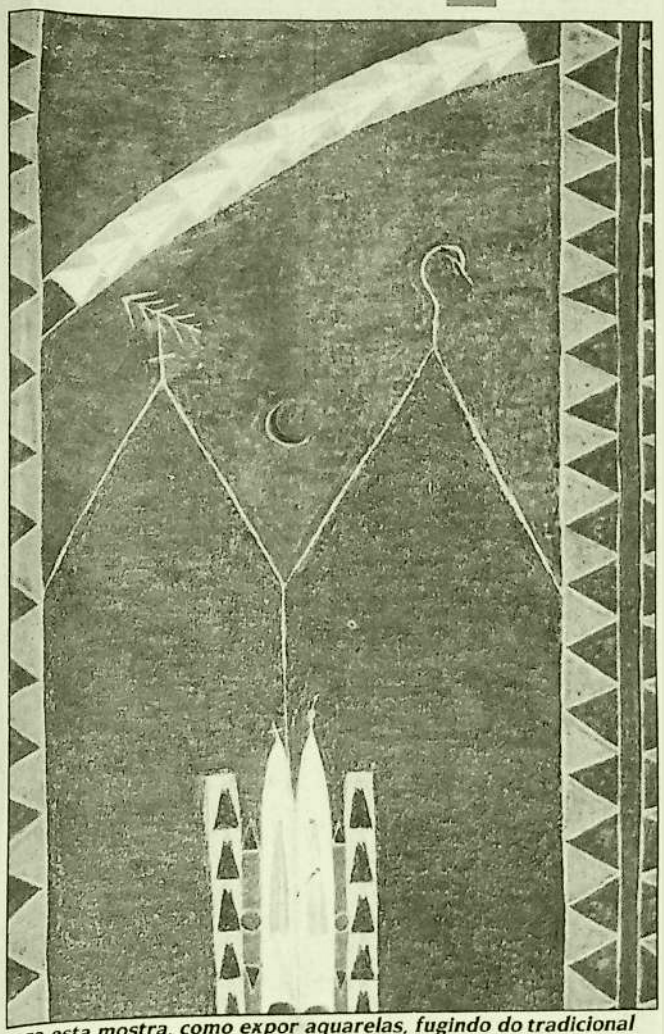
Nem sempre seus títulos estão concretamente ligados às linhas apresentadas. "Cheirando a Guardado" aconteceu, segundo o artista, aleatoriamente. Estas redes, por vezes já se encontram desenhadas na cabeça de Galeno. Em outras ocasiões elas vão sendo compostas a partir do processo de trabalho. Feitas com pincel, misturando desenho com aquarela, estas linhas diferem das apresentadas em seu figurativo.

Nestes casos são demarcadas através da ausência de tinta, que impede que uma cor se encoste na outra. "Pé Inchado" está situado dentro desta outra modalidade da arte de Galeno. Ele recriou o chapéu do "Amo do Boi", figura chave do Bumba Meu Boi do Nordeste. Elementos culturais da região foram acrescentados ao chapéu, que tem bilros, anzóis, pipas, carretéis e a Lua pendurados em sua aba.

Galeno freqüentou o ateliê-escola de Moreira Azevedo, artista português radicado em Brasília, em 1977. Com Maria Pacca fez curso livre, no Centro de Criatividade da Fundação Cultural do DF, sob direção de Luiz Áquila, em 1978. O óleo sobre madeira sempre foi a base de seu trabalho. A aquarela surgiu casualmente, devido à falta de seu material usual.







O artista fez algumas inovações para esta mostra, como expor aquarelas, fugindo do tradicional

As aquarelas, que possuem tamanhos variados, tendo a maior 1,00 x 1,80 m e a menor 40 x 30 cm, constituem-se em uma experiência nova para Galeno. Há um ano trabalhando esta técnica, mantém a preferência pelo seu trabalho tradicional. Mas está satisfeito com os resultados obtidos.

O papel reaproveitado, utilizado como base das aquarelas, já oferecem segundo o artista, elementos para suas criações com linhas. Pedaços de plástico, algumas letras de jornais e outros pedacinhos de alguma coisa, levam Galeno a compor a partir do que já existe no papel.

□ **GALENO — AQUARELAS: 24 obras expostas na ECT Galeria de Arte, a partir de um coquetel que acontecerá às 20h00 de hoje. A mostra permanecerá até o dia 22 de dezembro, de terça à sexta feira, das 10h00 às 18h00 horas.**



Galeno e chapéu "Amo do Boi"

A arte popular mostrada com nova textura
[Popular art shown with a new texture]
Jornal de Brasília, 5 de dezembro de 1989
[December 5th, 1989]

O interior da periferia

GALENO BUSCA NAS IMAGENS ÍNTIMAS DE SUA INFÂNCIA O SABOR DAS CORES: COMO SE FOSSEM DRIBLE, SAMBA, BAIÃO...

CARMEM MORETZSOHN

Ele se considera um azarão. "Estou correndo por fora", diz. Mas não tem dúvida de que tanto esforço e tanta dedicação um dia vão dar retorno financeiro, para além do reconhecimento artístico que tem alcançado. Este é Francisco Galeno, artista plástico piauiense-brasiliense de 34 anos de idade que começa a conquistar outros centros do País. Ele está chegando de sua terceira exposição individual no Rio de Janeiro — considerada sucesso absoluto, com venda de mais de 50% dos trabalhos expostos —, já inaugura hoje outra mostra aqui em Brasília — vernissage às 21h00, na *Galeria Performance* — e prepara mais duas ainda para este ano, em São Paulo e Goiânia. É fôlego e criatividade para ninguém botar defeito.

Francisco Galeno nasceu em Parnaíba e, aos oito anos de idade, veio para o Centro-Oeste, fixando residência em Brazlândia, onde vive até [illegible] passando a freqüentar o atelier-escola de Moreira Azevedo, artista português radicado em Brasília, e fez curso livre com Maria Pacca, no Centro de Criatividade da Fundação Cultural do Distrito Federal, sob a direção de Luiz Aquila, em 1978. Estava completa sua formação. Tanto que, um ano depois, recebia o prêmio de aquisição do *II Salão de Artes Plásticas das Cidades-Satélites*, o primeiro de uma série de seis prêmios. As individuais começaram em 1980 e já incluíram passagens pelo Rio de Janeiro (sempre na Galeria Anna Maria Niemeyer), Belo Horizonte, São Paulo, Curitiba e, é claro, Brasília.

Toda a pintura de Galeno é marcada por suas lembranças da infância no Piauí e em Brazlândia. Seus trabalhos sempre fazem referências ao trabalho do pai — pescador — e às atividades de rendeira da mãe. São anzóis e carretéis que surgem pintados ou ao vivo, somados a pipas (alegoria de sua infância), camaleões, igrejas pequenas típicas do interior, antenas de televisão — interferência do urbano. O artista pinta como se retirasse da caixinha da memória uma palavra, uma cena, uma brincadeira. Uma cor qualquer sugere a idéia e ela se desenvolve com movimento e geometria.

Seus trabalhos não são feitos sobre telas. O artista prefere mexer na própria madeira e na absorção da tinta por esta. *Sempre com cores quentes e fortes, Galeno cria ambientes que parecem saídos de restos bem armazenados de memória, pincelados com o prazer imenso de ser do interior e de manter-se na periferia.* "Não quero sair de Brazlândia", afirma o artista. Ele sabe que pode conseguir cavar um espaço, sem ter que se curvar às facilidades do urbano. Galeno é diferente, meio adulto, meio criança, tímido e seguro do que faz, pronto para dizer o que deseja com sua obra: "Eu gostaria que minha pintura tivesse a alegria de um drible de Garrincha, a malandragem de um gol de Pelé, a força do baião de Luiz Gonzaga, o ritmo de Jackson do Pandeiro e a elegância de um samba de Paulinho da Viola".

Para esta exposição na *Galeria Performance* (que ficará aberta até o dia 14 de novembro, sempre de segunda a sábado, das 10 às 21h00), Galeno preparou 19 trabalhos em óleo sobre madeira e diversos objetos, entre os quais até reproduções dos carrinhos de brinquedo que fazia em sua infância no Piauí (com latas de sardinha e carretéis de linha) e novas incursões do artista, desta vez em obras que misturam madeira e ferro trabalhado. São trabalhos vivos, com títulos que refletem bom-humor: *Cheira Cola, Casamento da Raposa, Balão de Dois, Oito Baixo, Aquário e Tracajá*, entre outros.

Jornal de Brasília — **Sua pintura tem ficado, a cada dia, mais abstrata, geométrica, por quê?**

Galeno — Deve ser uma coisa mais sintetizada, caindo mais no erudito, sem perder o elo de ligação com a coisa do interior, do popular, que é minha fonte de inspiração maior. Talvez seja porque os temas são mais do meu interior do que da forma externa. Antes, era uma coisa mais narrativa e agora são mais imagens de sonho.

— Sonhos de hoje, em Brazlândia, ou ainda da infância no Piauí?

— Em Brazlândia eu encontro muitas coisas, outras eu trouxe de Parnaíba. Faço uma mistura das duas fontes. Vim pra cá aos oito anos de idade e isso já faz 26 anos quase. E, apesar de ter deixado o Piauí com pouca idade, nunca esqueci o que vivi lá, os brinquedos que construí. Meu trabalho reflete tudo isto, as lembranças e isso do sonho, esta coisa do interior. Não é nada melancólica. É um ato feliz.

— As figuras humanas quase desapareceram...

— Acho válido você transgredir. Houve um tempo em que fiquei limitado às figuras humanas, às paisagens. Acho que o que faço agora tem mais a ver comigo, reflete a minha realidade, o lado de Brazlândia, onde moro, e o lado de onde vim, este caráter de periferia. Percebi que a figura humana já havia esgotado no meu trabalho, não tinha mais caminho pra mim.

— Como você tem encarado este reconhecimento crescente ao seu trabalho?

— Eu me considero autodidata. Comecei a pintar profissionalmente em 1977. Antes desenhava muito, mas sem intenção de ser pintor. As pessoas reconheceram o meu talento e começaram a me indicar os caminhos. Hoje, vivo precariamente, mas apenas de meu trabalho com a pintura. Tenho a sorte de ver meu trabalho sendo aceito pelas pessoas, que gostam e compram. Nisto que a gente faz há um processo. Não acontece de repente, tem sempre que se estar mostrando o trabalho. Em Goiânia, quando comecei, havia muito preconceito com o tipo de trabalho que desenvolvo. A dona da galeria achava que ninguém aceitaria isto. Já faz três ou quatro anos que ela me disse isto e, agora, estou indo expor lá. Para chegar a este ponto, você tem que ir sistematicamente mostrando o que faz.

— Por que a opção pela madeira como suporte?

— A madeira absorve a tinta de maneira diferente que a tela. Ela tem uma textura que eu aproveito. A tinta fica sem aquele brilho, fica fosca e isso me agrada muito.

— Você tem uma rotina de trabalho, agora que está tendo que produzir tanto?

— Não existe uma coisa determinada. Vou na oficina de manhã ou à tarde. Geralmente, chego com alguma coisa na cabeça, algo já determinado, que pode ter pintado na rua, pode ter surgido a partir de uma palavra (muitas delas me sugerem um quadro) ou pode ter vindo de um sonho. Ultimamente, tenho pintado todo dia, porque os compromissos são muitos e eu tenho que cumprir. De Brasília vou para Goiânia (exposição na Marina Potrich Galeria), em novembro; e, depois, fazer a vitrine da Galeria Documenta — *Janela Indiscreta* — em São Paulo, que eles usam para atrair o público na rua.

— E os temas sempre nascem na sua caixinha de lembranças?

— Não tenho dificuldades na hora de descobrir o que pintar. A minha infância foi muito rica, diferente daquela do cara de metrópole. Fui criado na periferia onde você tinha que criar, pois não ganhava nenhum brinquedo. Desde criança, venho mexendo com a criatividade. O que eu faço tem muito a ver com o Brasil. O País está perdendo a sua identidade. A cultura no Brasil está em frangalhos, as pessoas têm vergonha de ser brasileiras. O meu trabalho é localizado, mas atinge a todo mundo.

— É o motor para você continuar quebrando o bloqueio a quem vem da periferia?

— Apesar de ser de periferia, já consegui decolar. Mas eu me considero um azarão. Estou correndo por fora. Nunca foi fácil pra mim. Mesmo aqui dentro de Brasília ainda encontro muito preconceito, mas nunca liguei para isso. Sempre confiei no meu trabalho e nunca tive pressa de ver as coisas acontecendo. Tem muita gente por aí que você vê que tem um trabalho inferior e que conseguiu já espaços muito maiores. Mas, pra mim, é uma questão de tempo. Devagar as coisas vão dar certo.

— Mesmo vendendo bem, você ainda encontra dificuldades financeiras graves?

— Eu só uso material nacional, porque é mais barato e, mesmo assim, agora mesmo tive que pegar dinheiro emprestado para comprar as tintas. Mas antes era muito pior — eu tinha que passar, às vezes, seis meses sem pintar por falta de dinheiro para comprar as tintas. Foi um período negro. Eu trabalhava no Banco Central (fiquei lá por 10 anos) e pintava à noite ou aos domingos. Depois, percebi que ficar sendo explorado para fazer o que eu não gostava não valia a pena. Era melhor sofrer para fazer o que gosto.

Reprodução/Rui Faquim



A obra **Cheira-Cola** *(óleo sobre madeira em 1,60 x 1,10m): a infância, essencial em Galeno, em exposição na* **Performance**

□ **GALENO — BASEADO NA COR — Exposição do artista plástico Francisco Galeno, de hoje, às 21h00, ao dia 14 de novembro, sempre de segunda a sábado, das 10 às 21h00. Dezenove trabalhos em óleo sobre madeira e diversos objetos em lata, madeira e ferro. Performance Galeria (CLS 116, bloco A, loja 7).**

O interior da periferia
Galeno busca nas imagens íntimas de sua infância o sabor das cores: como se fossem drible, samba, baião...

[The Inner Depths of the Periphery
Galeno draws from the intimate images of his childhood to capture the flavor of colors: as if they were a dance, a samba, a baião...]

Jornal de Brasília, 22 de outubro de 1991 [October 22nd, 1991

JORNAL DE BRASILIA
BRASILIA-DF
30 SET 1992
CADERNO 2

OBJETOS SALTAM DAS Ttelas

COM EXPOSIÇÃO DE PINTURAS E OBJETOS, O ARTISTA PLÁSTICO GALENO EVOCA INFÂNCIA NUMA ILHA DO PIAUÍ, E SE DESPEDE DE BRASÍLIA

SEVERINO FRANCISCO

O artista plástico Galeno está arribando vôo do Planalto. É marca a sua saída de Brasília com uma exposição de 16 trabalhos, intitulada *São Objetos*, a ser inaugurada, hoje, as 19h00, na Galeria Le Corbusier, da Embaixada da França. O trabalho de Galeno é um dos mais reconhecidos pelo circuito de arte do País entre os artistas brasilienses da nova geração. Carretéis, latas de sardinha, pipas de empinar, linhas coloridas que sempre povoaram a pintura de Galeno saltam da tela, nesta exposição, e se apresentam em sua materialidade de objetos.

Mas não se trata de um objeto qualquer. São objetos impregnados de uma carga emotiva e mítica para Galeno, evocando a sua infância em uma ilha do Piauí, um lugar paradisíaco, circundado pelo rio Paranaíba de um lado e o mar de outro: "Com o título da exposição (*São Objetos*) eu quis expressar a síntese do religioso e do material — comenta Galeno. Eu já havia utilizado a madeira como suporte para a minha pintura em exposições anteriores. Mas agora eu trabalho com a pintura em cima dos objetos mesmo. Na verdade eu recupero algo que eu já fazia nos tempos de criança: carrinhos de lata de sardinha. Era eu quem fazia os meus brinquedos".

Regina Santos



Galeno ao lado de um trabalho feito com latas de sardinha: "A minha informação foi adquirida de maneira autodidata e esparsa"

Infância como fonte — Os carretéis e os anzóis também são parte das reminiscências da infância de Galeno. A sua mãe trabalhava com o tear e o seu pai era pescador: "Eu senti a necessidade de desdobrar o meu trabalho em uma dimensão bem material. Existe uma rica sugestão de cores projetada pelas linhas. E os carretéis de antigamente eram de madeira, hoje são de plástico. O plástico não tem a mesma beleza e magia da madeira. Dentro daquela ilha, cercada pelo rio Parnaíba de um lado e pelo oceano do outro, existem outras ilhas. Para mim foi uma sorte muito grande ter nascido e vivido naquelas ilhas. Eu recuperei tudo isto em minha pintura".

Os críticos vinculam a arte de Galeno a uma vertente construtivista. Mas, para Galeno, este construtivismo surgiu de uma maneira inteiramente intuitiva, a partir do seu gosto pelos objetos, por estruturas geométricas e pelas cores exuberantes da cultura popular: "Para mim é apenas uma maneira de me expressar. Não poderia ter a pretensão de ser um artista construtivista, mesmo porque eu não tenho conhecimento teórico suficiente para isto. A minha informação foi adquirida de maneira autodidata e esparsa, vendo pintura em exposições e livros. A fonte maior mesmo é a minha infância".

Projetos — A sua mãe montava teatrinhos em casa para a participação de toda a família, em um vale-tudo onde era possível cantar, dançar, recitar. Não havia recursos, mas sobrava imaginação. As roupas eram de papel de seda, com cores exuberantes, que penetraram nas retinas e na alma de Galeno: "Eu ficava vidrado. Quando você é criança tem um outro tipo de relação com a fantasia e com as cores. Eu sentia que aquelas cores entraram em mim. Dava vontade até de comer aquelas cores de tão maravilhosas que eram. A arte popular tem este colorido fantástico. É algo que você nunca esquece. Mas eu aprendi mesmo a química das cores com o seu Quincas, um artesão lá de Brazlândia".

E, nesta exposição, Galeno apresenta ainda uma novidade adicional em relação ao seu trabalho anterior: algumas grades de ferro. "Estas grades são imagens religiosas — comenta Galeno. O ferro me fascina por seu brilho sutil. Estas imagens vêm dos tempos em que a minha mãe me obrigava a ir à igreja, para fazer confissões. Muitas vezes eu mentia que havia ido à igreja. Mas, de qualquer maneira, as imagens ficaram vivas em mim". Galeno está deixando Brasília por motivos extraprofissionais. Ele sempre morou em Brazlândia e sempre teve orgulho de ser da periferia: "Talvez eu vá para São Paulo ou para o Rio. Mas eu sou ligado mesmo é no interior. Eu nasci e cresci no interior. Saio daqui para poder sentir saudades de Brasília e de Brazlândia. Eu deixo Brasília também com uma série de projetos, que ainda pretendo realizar algum dia. Um deles é fazer uma escultura na Igreja Bom Jesus de Praga, em Brazlândia, em concreto e ferro. Fico devendo".

■ **SÃO OBJETOS — Exposição de pinturas e objetos do artista plástico Galeno. Abertura às 19h00, na Galeria Le Corbusier (Embaixada da França). A exposição permanecerá aberta ao público até o dia 12 de outubro, de 14h00 às 19h00.**

LUX JORNAL
142
3714

Objetos saltam das telas
Com exposição de pinturas e objetos, o artista plástico galeno evoca infância numa ilha do piauí, e se despede de brasília

[Objects Leap from the Canvas
With an exhibition of paintings and objects, artist Galeno evokes his childhood on an island in Piauí and bids farewell to Brasília]

Jornal de Brasília, 30 de setembro de 1992
[September 30th, 1992]

CORREIO BRAZILIENSE

ARTES VISUAIS

Galeno em cartaz

» CATHARINA BRAGA

A galeria Galatea, de São Paulo, celebra a produção artística nordestina com a exposição *O Piauí é aqui — o Piauí não é aqui*. Com 44 obras do artista plástico piauiense/brasiliense Francisco Galeno, a mostra, sob a curadoria de Leno Veras, apresenta o conjunto de trabalhos feitos ao longo de quatro décadas por Galeno, que explorou múltiplas técnicas, como a pintura e escultura em madeira, além de ressignificar objetos do cotidiano.

Nascido no Delta do Parnaíba, onde passou os primeiros anos de vida, Galeno mudou-se para Brasília aos 8 anos. Influenciado pelas linhas da arquitetura da capital federal e pelo estilo de Alfredo Volpi, Athos Bulcão e Rubem Valentim, o artista mescla traços geométricos e abstratos com elementos lúdicos e líricos da infância no Piauí, como bolas de gude, carretéis da mãe rendeira e anzóis e madeira do pai, que era tanto pescador quanto marceneiro. "Nasci em uma família de artesãos, o que, para mim, é muita sorte e bênção. Tios e primos poetas que eu tinha também foram importantes para a minha formação artística. Trago isso na pele e na alma", disse ao **Correio**.

Reconhecido nacionalmente por sua arte camaleônica, Galeno homenageia, em seu trabalho, festas populares brasileiras, com direito a uma rica paleta de cores, à variedade de formas e ao dinamismo. "O camaleão foi um bicho que influenciou muito a minha pintura. Ele muda de cor para escapar do bicho predador", destaca.

Reprodução



As peças de Galeno transitam entre elementos de Brasília e do Piauí

O PIAUÍ É AQUI — O PIAUÍ NÃO É AQUI

De segunda à quinta, das 10h às 19h; sexta, das 10h às 18h; sábado, das 11h às 17h. Em cartaz até 25 de janeiro de 2025, na Galatea, Rua Oscar Freire, São Paulo.

> Nasci em uma família de artesãos, o que, para mim, é muita sorte e bênção. Tios e primos poetas que eu tinha também foram importantes para a minha formação artística. Trago isso na pele e na alma"
>
> **Galeno**

Desde 2012, mantém residência e ateliê em Parnaíba, dividindo-se entre sua cidade natal e Brazlândia. Ao longo da carreira, realizou diversas exposições nacionais e internacionais. "É muito legal o meu trabalho estar viajando. É raro um artista alcançar esse patamar. Principalmente eu que estava no 'fim de mundo do Parnaíba'", confessa.

Segundo o piauiense, ao ver o trabalho de outros artistas, pensava em como os críticos e especialistas iriam reagir ao dele: "Já me satisfaz muito poder me expressar pela arte e é muito gratificante ela (arte) ter me aceitado".

Apesar de muitos considerarem sua obra mais regional, ele ressalta que aborda todo o Brasil ao praticar uma arte dentro da história dos originais e dos "ordinários". "Quando pinto, fico rindo às vezes. É como se a gente (a pintura) tivesse conversando. Pintar e fazer arte é simples, é como se eu fosse uma criança brincando. É uma arte viva e alegre, descompromissada de escola e formação acadêmica".

* Estagiária sob a supervisão de José Carlos Vieira

[Galeno on display]
Edição impressa e online [Print and online edition]
17 de novembro, 2024
[November 17, 2024]

Disponível no site [Available on website]

ESTADÃO



Bloco de Notas

PIAUÍ. A galeria Galatea inaugura hoje a exposição *Francisco Galeno: o Piauí é aqui — o Piauí Não É Aqui*. A individual do artista piauiense Francisco Galeno (Parnaíba, PI, 1957) reúne quarenta e quatro obras. Na Rua Oscar Freire, 379.

Edição impressa [Print edition]
12 de novembro, 2024
[November 12, 2024]

veja São Paulo





CELEBRAÇÃO AO NORDESTE

A Galatea celebra a produção artística nordestina em duas exposições. **Francisco Galeno: o Piauí é aqui – o Piauí não é aqui**, em cartaz na unidade da rua Oscar Freire, tem 44 obras do artista piauiense com quatro décadas de carreira. Seus trabalhos misturam o interesse pela geometria adquirido em Brasília, para onde se mudou aos 8 anos, com símbolos da cultura popular de sua infância em Parnaíba (PI), onde mantém um ateliê. A partir do dia 27, a galeria abre, na unidade da rua Padre João Manuel, **Bahia afrofuturista: Bauer Sá e Gilberto Filho**, que propõe um diálogo entre os artistas baianos representantes do afrofuturismo. São trinta fotografias de Bauer Sá produzidas entre os anos 1990 e 2000, que exploram a ancestralidade afro-brasileira, acompanhadas de esculturas em madeira feitas entre 1992 e 2024 por Gilberto Filho, que retrata cidades utópicas e modernas em suas obras. **Galatea**. *Rua Oscar Freire, 379, Jardins. Rua Padre João Manuel, 808, Jardins. 3475-0099. Seg. a qui., 10h/19h. Sex., 10h/18h. Sáb., 11h/17h. Grátis. Até 25/1/2025. galatea.art.*

[Galatea showcases two exhibitions featuring Northeastern artists in São Paulo.]

Edição impressa e online [Print and online edition]
16 de novembro, 2024
[November 16, 2024]
Disponível no site [Available on website]


galatea